

Introdução

O aumento da população idosa nas sociedades contemporâneas tem fomentado reflexões sobre as transformações e demandas produzidas a vários níveis sociais, revelando-se um novo e meticuloso desafio para toda a comunidade, nomeadamente para as Políticas Sociais, uma vez que estas apresentam algumas limitações em garantir a subsistência da convivência entre gerações.

De acordo com as alterações demográficas provocadas pelo envelhecimento em Portugal e um pouco por toda a Europa, as transformações que ocorrem nas sociedades actuais proporcionam condições para que se considere este fenómeno como uma situação problemática onde é urgente intervir. Neste sentido, o Estado implementou uma rede de respostas sociais (Lar de Idosos; Asilos; Casas de Repouso), como forma de suprir esta lacuna e promover o envelhecimento activo, nunca minimizando a importância do envolvimento familiar enquanto elo de ligação com a restante comunidade e factor de promoção das trocas geracionais.

No entanto, de acordo com vários estudos, verificamos que no caso Português os familiares parecem ainda por consciencializar da importância da participação destes na educação para as relações intergeracionais. É cada vez mais evidente que essa responsabilidade não deve cair na jurisdição exclusiva dos profissionais que lidam com as crianças ou com os idosos, como parece ser o caso. A família é um elemento crucial e terá de continuar a providenciar um vínculo que permita, no mínimo o apoio emocional.

Durante o séc. XX, com o acentuar do desenvolvimento demográfico, assistimos a profundas alterações em toda a sociedade, especialmente na imagem da célula familiar.

A estrutura familiar alterou-se, passando de uma imagem plana (horizontalmente extensa) a uma imagem de pirâmide (verticalmente extensa).

O aumento exponencial da esperança média de vida associada à melhoria da qualidade de vida contribuiu para o crescimento horizontal da família, facto que deveria consolidar um entrelaçar de gerações superior ao verificado anteriormente. Todavia, assistimos a um fenómeno oposto, isto é, à diminuição das relações intergeracionais principalmente e curiosamente no seio da família.

Apesar da existência do debate em torno do seu papel actual e da sua composição, a célula familiar é um dos principais contextos de desenvolvimento da criança e de subsistência do idoso e predomina como elemento chave na vida e desenvolvimento de todos os seus membros, principalmente destes dois grupos etários e da relação entre si.

No seguimento desta ideia surge a presente dissertação de mestrado, inserida no curso de mestrado em Política Social, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

A orientação do presente estudo teve como elemento responsável, o Professor Doutor Fausto Amaro, docente no ISCSP.

A selecção deste tema recaiu sobre a temática das **Relações Intergeracionais** como forma de alertar para as suas vantagens e simultaneamente para o seu desaparecimento. Este é um fenómeno de extrema importância, sob o qual importa reflectir como forma de identificar as suas especificidades e encontrar modo de dar resposta às questões por si levantadas.

O estudo realizou-se na vila de Alenquer, em contexto rural, mais concretamente na Santa Casa da Misericórdia. Nesta entidade, tivemos oportunidade de trabalhar com dois grupos específicos (crianças e idosos).

Pretendemos com este estudo, contribuir para o conhecimento e compreensão da realidade e especificidade das relações intergeracionais, principalmente daquelas que se estabelecem quando um dos grupos frequenta alguma resposta social ou se encontra institucionalizado.

A presente dissertação apresenta-se organizada em duas partes: a primeira constituída pelo **Enquadramento Teórico** e a segunda pelo **Estudo Empírico**.

Na Primeira Parte encontramos o Capítulo 1, **Revisão da Literatura**, que contempla a retrospectiva da pesquisa e análise de documentação relativa ao tema em questão. Esta sinopse funciona como um suporte consolidado e consubstanciado, que nos permite abordar o tema da forma mais eficiente.

O Segundo Capítulo, já integrado na Segunda Parte, intitula-se por **Métodos e Procedimentos**. Neste capítulo analisam-se os Aspectos Metodológicos e os Instrumentos Escolhidos, assim como se caracteriza a Amostra e a Condição da Recolha de Dados.

Por sua vez, o Terceiro Capítulo, apresenta o **Contexto do Estudo**: breve caracterização da Vila de Alenquer e da Santa Casa da Misericórdia de Alenquer, nomeadamente do Centro Infantil e do Lar de Idosos.

O Quarto Capítulo complementa o anterior, apresentando a **Análise de Dados** recolhidos assim como os seus significados, confrontando-os e complementando-os com base nas teorias e conclusões de outros autores peritos no tema.

A dissertação culminará, no Quinto Capítulo, com as **Reflexões / Conclusões e Recomendações** mais pertinentes e que de alguma forma transparecem e acrescentam algo à investigação desenvolvida ao longo da dissertação, seguindo-se a **Bibliografia** utilizada e os **Anexos**.

CAPÍTULO 1 – REVISÃO DA LITERATURA

1.1 Relações Intergeracionais: Definição de Conceitos

A compreensão do presente conceito encontra-se directamente relacionada: com a explicação inicial e isolada de cada uma das palavras que o constitui e posteriormente com a associação das mesmas.

Neste sentido, por **relação** entendemos: a “conexão entre duas ou mais coisas, que se chamam termos da relação, sejam eles objectos, pessoas, factos ou acontecimentos” (CARDOSO, ENCICLOPÉDIA VERBO:1384). Por sua vez, a análise do termo **intergeracional** traduz a convivência entre duas pessoas que se encontram em diferentes fases da vida, implicando o seu reconhecimento e identificação, de modo a entenderem a plenitude e especificidade de cada um.

Assim, as **relações intergeracionais** podem ser entendidas como vínculos que se estabelecem entre duas ou mais pessoas com idades distintas e em diferentes estádios de desenvolvimento, possibilitando o cruzamento de experiências e contribuindo para a unidade dentro da multiplicidade.

Os agentes desta prática reúnem características e necessidades muito próprias, facto que enriquece a relação e motiva a continuidade da mesma.

Tendo por base todas as condições enunciadas constatamos que as relações intergeracionais entre **avós e netos** alcançam a nível teórico, a real perfeição da definição, identificando-se como uma das práticas mais antigas na civilização e permanecendo até aos dias de hoje como chave lógica para toda a comunidade.

1.2 Mapa Histórico

Nos últimos anos, um pouco por toda a Europa, o fenómeno das Relações Intergeracionais tem suscitado um interesse crescente e uma preocupação geral, contribuindo para o aumento de estudos e pesquisas na área.

Nos EUA, o estudo das relações intergeracionais alcançou o relevo e a importância devida, facto que impulsionou a existência e desenvolvimento do maior número de estudos e pesquisas realizadas nos últimos 60 anos.

No caso português, constatamos que este se apresenta ainda como um assunto com pouca visibilidade por parte da comunidade científica, no entanto é de louvar os últimos investimentos na área.

Segundo Kornhaber (1996), as relações entre avós e netos existem desde há muito tempo, todavia só se tornaram alvo da atenção dos investigadores por volta dos anos 40 do séc. XX, data de surgimento dos primeiros estudos sobre relações intergeracionais.

Indiferente ao olhar dos investigadores, as relações intergeracionais têm vindo a trilhar uma linha de evolução, acompanhando as principais fases históricas e as grandes mudanças sociais verificadas a nível mundial.

Segundo Stella (2010), fenomenologicamente, as relações entre avós e netos têm sido alvo da influência de sucessivas correntes teóricas, adoptando posições de relevo em determinadas fases históricas. A destacar:

Período da II Grande Guerra Mundial (1940-1959), no qual se evidenciaram profundas alterações sobre a estrutura e o funcionamento da família.

A existência de duas fases distintas: o decorrer do conflito e o pós – guerra, reuniram as condições para que os avós ocupassem um lugar de destaque, enquanto substitutos dos pais e enquanto sustento do modelo de família extensa.

Anos 60, fase em que se assiste à generalização do modelo de família nuclear isolado e à anulação da posição dos avós.

O aumento da taxa de natalidade e do número de casamentos agregado à conjectura que se vivenciava promoveu o modelo de família nuclear e afastou o avô para segundo plano.

Anos 70, assiste-se a uma redefinição e revalidação do papel dos avós.

Devido a diversas alterações registadas no seio da família, tais como: o crescente número de divórcios; o aumento do número de gravidezes adolescentes e do número de famílias monoparentais

e a subida da taxa de actividade feminina, contribuíram para a generalização da ideia de que os avós seriam os únicos salvadores da família.

Ainda nesta fase, as Relações Intergeracionais revelaram indícios de autonomia face à sociologia da família, tornando-se num objecto de estudo complexo com necessidade de análise, tendo em conta as implicações que dele advém.

Anos 80, face às dificuldades que as famílias enfrentam, nomeadamente: a generalização do uso de drogas; o aparecimento da SIDA; o aumento do número de gravidezes precoces; o aumento da taxa de mulheres a trabalhar; o aumento do número de idosos dependentes e o agravamento das dificuldades económicas, o papel do avô continua a destacar-se como peça fundamental para a sobrevivência destes enquanto célula base, assim como dos seus elementos, enquanto pessoa e Ser Humano.

Anos 90, constata-se a existência de um modelo familiar alargado que possibilita as relações entre avós e netos e que alerta para as vantagens desse convívio.

Em suma, do tal como foi referido anteriormente, constatamos que as Relações Intergeracionais se encontram estritamente relacionadas com as alterações de que a sociedade tem sido alvo e com as mudanças que surgiram no seio da família, tendo alcançado gradualmente maturidade teórica suficiente para ser objecto de estudo.

Actualmente, as relações intergeracionais tornaram-se num tema dominante nas pesquisas no âmbito dos avós, promovendo-se a existência de estudos que se focam especificamente no papel dos avós ou que abordam apenas a perspectiva dos netos sobre a sua relação. No entanto, tendo em conta o objecto de estudo da presente dissertação, destacamos o surgimento de pesquisas que exploram a relação entre os dois agentes (avós e netos), a destacar os estudos de: Baranowki (1982); Barranti (1985); Gentilini (1990), Hoffman (1980), Kennedy (1980) e Hoffman (1980).

Com a mesma base social, estas pesquisas apresentavam como principais objectivos: caracterizar a relação entre avós e netos; avaliar a qualidade dessa relação; qualificar o efeito da relação no desenvolvimento dos netos; quantificar a frequência da relação, assim como abordar os factores que a motivam.

1.3 Relações Intergeracionais

Encaradas como um modelo de exercício de cidadania, as Relações Intergeracionais têm vindo a dar provas da sua importância, demonstrando que o grau de influência exercido directamente sobre os dois grupos que estabelecem a relação compromete indirectamente todos os elementos da sociedade.

A aproximação das diferentes gerações deve ter em conta não só o factor cronológico, mas também os estilos de vida, os valores, a memória, entre outros aspectos.

Neste entrelaçar, a transmissão de saberes não é linear, ambas as gerações possuem sabedorias distintas, o que possibilita que se dê origem a uma história em comum, a partir da experiência de cada um, funcionando como uma via dupla, pois ambos ensinam e ambos aprendem.

Neste sentido, após uma análise aprofundada do tema, consideramos que as Relações Intergeracionais poderão ser abordadas de acordo com a analogia da pirâmide. Nesta definimos três elementos chave da relação, nomeadamente: as Crianças e os Idosos, enquanto agentes da relação, e a Família como local de eleição para essa prática.

Avaliando os três elementos de acordo com o grau de distanciamento e o grau de relação, verificamos que o crescimento de um está directamente relacionado com a diminuição do outro e vice-versa. Assim, constatamos que ao diminuir o grau de distanciamento aumenta o grau da relação, tal como se aumentar o grau de distanciamento, diminui o grau de relação. (Ver figura nº1)

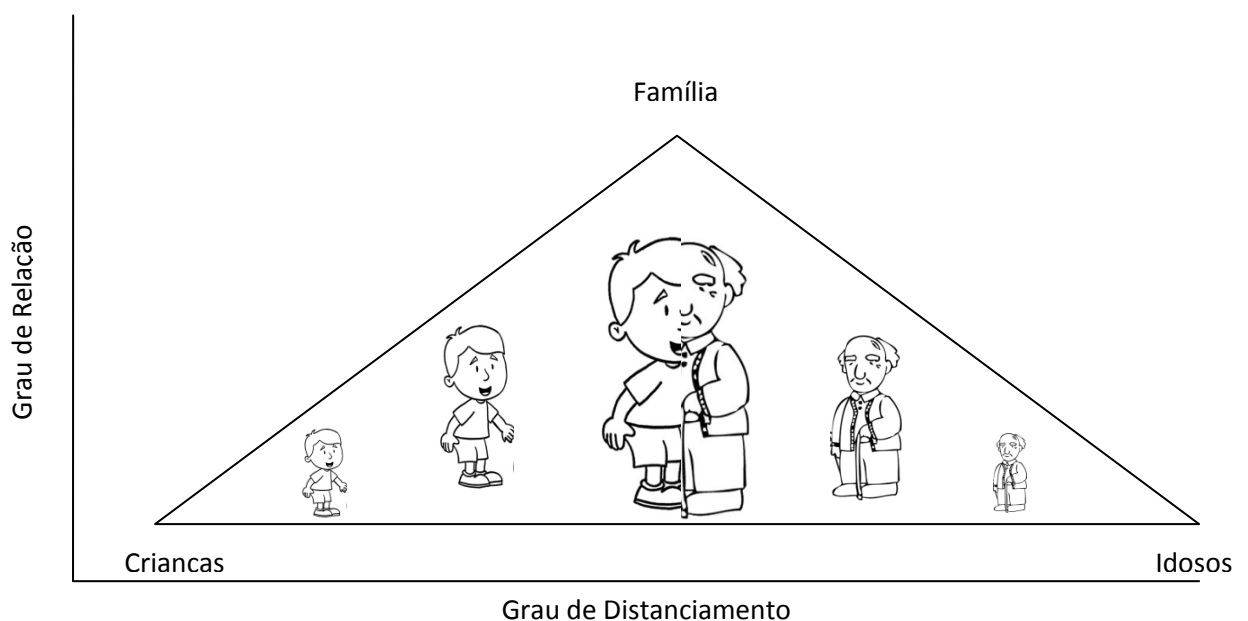


Figura nº1 – Analogia da Pirâmide

Na construção desta relação a afectividade e o contacto são dois componentes fulcrais desta prática, uma vez que o grau de afectividade sentido por cada um dos elementos do agregado familiar, consolida o sentimento de pertença e reflecte a real função da família e da relação entre os seus membros.

No entanto, esta troca não é possível sem um contacto entre gerações, estimulado, mediado e controlado pelas gerações intermédias (pais dos netos), daí a importância da família. Todos os membros para além de incluídos contribuem para a manutenção das relações intergeracionais.

De acordo com Daniel Sampaio “o futuro da família está na transmissão intergeracional da sua história, tornada presente pelos testemunhos dos avós, agora ainda mais importantes perante a crise dos pais e da sua vida conjugal”. (SAMPAIO, 2008:11)

A forma como cada grupo se entrega nesta relação possibilita um crescimento físico, social e emocional de ambos, provocando um impacto enorme no seu desenvolvimento, relacionamento e conhecimento pelas gerações mais novas ou mais velhas.

Todavia apesar de estes factos estarem comprovados, esta prática tem vindo a perder valor e a condenar-se à inexistência.

Como é do conhecimento geral, tanto a primeira infância, como a velhice associam-se a uma série de limitações encontrando na família, a solução para a sua sobrevivência, subsistência e continuidade.

A permanência destes dois grupos na família, permite-lhes confrontarem-se e complementarem-se, de modo a estabelecer e aumentar a solidariedade familiar, que actua como modificador potencial das relações sociais, reduzindo a hipótese de solidão e marginalização. Esta, enquanto parte crucial para o modelo familiar, “estrita os laços afectivos do agregado, aumenta substancialmente a segurança material e psicológica de cada um dos seus elementos e confere-lhes maior eficácia social; a sua ausência enfraquece a família no seu todo” (BARATA, 2010:177), prejudicando toda a sociedade e não apenas aqueles que dela carecem.

Para reflectir sobre o diálogo intergeracional, segue-se uma abordagem sucinta às seguintes categorias: Crianças; Idosos e Família.

1.3.1 Infância

De acordo com o artigo nº1 da Convenção sobre os Direitos da Criança, “criança é todo o ser humano menor de 18 anos, salvo se nos termos da lei que lhe for aplicável, atingir a maioridade mais cedo”. Esta definição coincide também com o conceito de menor que consta no código Civil português, nomeadamente no artigo nº122: “ é menor quem não tiver ainda completado 18 anos de idade”.

Enquanto Ser particularmente vulnerável, frágil e destituído de voz activa na vida política e social, a criança requer cuidados que a protejam e que lhe permitam satisfazer em pleno todas as suas necessidades.

A sociedade, o estado e a família devem criar as condições sócio-económicas, culturais e ambientais que lhe permitam desenvolver integralmente as suas capacidades, a nível físico, psíquico, espiritual, moral e social, promovendo o seu bem – estar e a sua qualidade de vida.

A partir do momento em que é planeada, a criança pertence a uma família que tem para com ela a obrigação e o dever de a proteger e de assegurar a satisfação do seu interesse superior.

Segundo Piaget, existem quatro estádios de desenvolvimento na vida de uma criança, nomeadamente: o Estádio Sensorimotor (dos 0 aos 2 anos); o Estádio Pré – Operacional (dos 2 aos 7 anos); o Estádio de Operações Concretas (dos 7 aos 11 anos) e o Estádio de Operações Formais (dos 11 aos 15 anos).

Tendo em conta o público – alvo, com o qual iremos trabalhar destacamos o estádio pré – operacional (dos 2 aos 7 anos). (FELDMAN, 2003:59)

No decorrer desta fase, assiste-se a algumas conquistas deveras importantes, nomeadamente: o uso da linguagem, a formação de conceitos, a elaboração de brincadeiras imaginativas e a generalização de pensamentos egocêntricos.

Não obstante a importância das relações intergeracionais em qualquer um dos estádios de desenvolvimento, consideramos que nesta fase a existência e frequência do contacto com um adulto é manifestamente crucial para um desenvolvimento equilibrado, permitindo às crianças observar, apreender e colocar em prática os mais diversos ensinamentos, dando origem a uma série de aprendizagens a desenrolar ao longo da vida.

A observação vertical (pais / avós) e horizontal (pares) facultada no seio da família permite às crianças realizar as suas primeiras aprendizagens. Estas podem ser entendidas como modificações relativamente permanentes e nem sempre deliberadas de um comportamento produzido pela experiência. (FELDMAN, 2003).

Considerando que as aprendizagens condicionam os comportamentos sociais e a longo prazo influenciam toda a evolução do ser humano enquanto pessoa, torna-se fundamental apostar na prática que lhes dá origem: as interacções sociais.

Urge criar mais oportunidades de convivência e troca intergeracional. Estas adoptam contornos muito especiais quando o contacto se estabelece com adultos, principalmente com os avós, uma geração tão distinta.

O contacto com os avós pode proporcionar uma assistência prática, um apoio, e uma cadeia de valores úteis para a criança, tornando-se num encontro enriquecedor não só para o menor que “recebe” novos ensinamentos, como também para o idoso que “dá” de forma entusiasmante toda a sua sabedoria

Numa fase de crescimento e desenvolvimento de personalidade e temperamento, as interacções sociais funcionam como uma peça fundamental para o dito crescimento equilibrado que se pretende.

A prática demonstra-nos que a instrução da criança não deverá ficar apenas ao critério dos pais ou dos educadores, fazendo todo o sentido inculcar aos mais novos a importância da sua relação com os mais velhos, sendo nesta fase que a família desempenha um papel deveras importante, uma vez que, independentemente da afinidade que a criança possa ter para com os avós, o contacto apenas será estabelecido, caso os pais o entendam. Assim, e não querendo de forma alguma questionar o valor e o peso desta afectividade, a verdade é que quando não experimentada a relação com os avós, esta afabilidade pode diminuir ou até mesmo anular-se.

A tranquilidade e segurança, recebida pelas crianças, neste contacto é sublime e em muito diferente daquela que os pais ou a restante família poderá transmitir.

1.3.2 Envelhecimento

É um facto que o mundo está a envelhecer e os censos de 2001, revelam que a situação da população portuguesa acompanha a tendência mundial.

Segundo dados do INE, em Portugal entre 1991 e 2001 o fenómeno do envelhecimento demográfico traduziu-se por um índice de desenvolvimento muito semelhante em todo o país; para cada 100 jovens existem 102 idosos no país. Estes valores demonstram que o peso dos idosos superou a dos jovens, o que não acontecia em 1991, quando este índice apresentava um valor significativamente mais baixo (INE, 2001)

O envelhecimento poderá ser entendido como um fenómeno natural comum a todo o ser vivo, que decorre progressivamente ao longo da vida, adaptando mecanismos que se iniciam antes que tenhamos noção da real complexidade do processo.

Apontado muitas vezes como sinónimo da passagem do tempo em diferentes níveis de abordagem (tempo físico, psicológico e cronológico) e relacionado com vários processos contínuos de transformações e ou perdas sociais, emocionais e físicas, a concepção do envelhecimento altera-se consoante as fases históricas, as sociedades e os grupos sociais, permanecendo apenas como critério comumente utilizado: o critério cronológico. Todavia, este critério, quando não devidamente fundamentado poderá levantar questões, uma vez que nas sociedades contemporâneas associa-se maioritariamente às leis que determinam os direitos e deveres dos cidadãos e não ao estudo dos estádios de desenvolvimento cognitivo do ser humano.

Deparamo-nos com fases em que o envelhecimento se apresenta como sinónimo de crescimento, aceitação e respeito, a fases em se direcciona e aproxima a uma imagem directamente relacionada a estereótipos negativos, condicionando o comportamento social assim como as políticas públicas que o definem e regulamentam, potenciando a diminuição das relações intergeracionais e questionando o papel do idoso na comunidade.

Segundo Costa, o envelhecimento é um “processo de diminuição orgânica e funcional, não decorrente de acidente ou doença e que acontece inevitavelmente com o passar do tempo” ou seja, este é um fenómeno inevitável e incontrolável, que se caracteriza por um isolamento sensorial, familiar e pela perda da função social. (COSTA, 1999:43)

No decorrer de todo o processo de envelhecimento, as capacidades vão diminuindo e as necessidades vão aumentando, tornando o ser humano cada vez mais sensível ao meio ambiente, limitando a sua integração e aumentando a sua dependência familiar.

O processo de adaptação da sociedade a esta população é desencadeado segundo demandas específicas desta enquanto grupo etário e efectuado a partir de uma lógica de exclusão – inclusão.

Numa sociedade apelidada de individualista, redutora, permissiva e economista, apesar de toda a população estar consciencializada para a vulnerabilidade dos mais velhos, o lugar do idoso está consideravelmente em perigo, o que por sua vez contribui para um desvanecer das relações intergeracionais.

Os novos modelos teóricos fundamentados numa concepção individualista regem a sociedade e gradualmente promovem um desmembramento familiar.

De acordo com estes princípios a compreensão do fenómeno do envelhecimento em toda a sua plenitude, está comprometida, facto que poderá potenciar a eutanásia social e o isolamento, dando origem à exclusão social, que segundo Barata “ocorre quando as ligações dos cidadãos com a sociedade são quebradas, não podendo usufruir estes da plenitude dos seus direitos sociais, uma vez que o acesso à sua efectivação se encontra condicionado”. (BARATA, 2010:430)

Impera reforçar que o envelhecimento não supõe somente a protecção da pessoa idosa, mas também o seu empowerment e advocacy, através do respeito pelo seu percurso de vida, pela sua autonomia, independência, participação, auto-realização e dignidade.

A valorização do papel do idoso poderá ser encarada como a forma mais credível de inclusão social.

Urge reconhecer o idoso como peça fundamental na sociedade, como ser activo que dispõe de tempo, maturidade e experiência existencial para empregar os seus conhecimentos e potencialidades de modo a contribuir para a formação de laços significativos entre membros da família (visão micro) e da comunidade (visão macro). Laços estes que estimulem atitudes e valores mais solidários e tolerantes, contribuindo para a construção de um sentimento de pertença e de unidade entre as diferentes gerações.

Constatando-se que o envelhecimento se encontra estritamente relacionado com uma série de factores sociais, demográficos, económicos e políticos o impacto social que dela deriva é de importância máxima e de interesse geral, se pensarmos num bem-estar comum e numa evolução socialmente equilibrada.

Em suma, verificamos que o envelhecimento se tornou no fenómeno social mais relevante no século XX, constituindo não só uma questão demográfica, mas também um desafio transversal à sociedade. Atingiu todos os níveis e patamares que compõem a comunidade e sacudi a célula base da mesma: a família. Esta, face a um crescente número de membros em idade avançada vê-se tentada a reestruturar-se com o objectivo de operar como suporte destes e dos restantes elementos, condição que funcionando permitiria o entrelaçar destes dois grupos tão distintos: as crianças e os idosos.

1.3.3 Família

“ A família é naturalmente o lugar de acolhimento e de transmissão (...) é onde se nasce, se é acolhido (...) e é ainda o sítio das memórias, dos saberes e dos hábitos, das rotinas e das inovações, das histórias detalhadamente contadas ou só vagamente lembradas” (BARATA, 2010:237).

Até ao séc. XX, a família enquanto lugar construído e consolidado com base nas relações intergeracionais conseguiu dar resposta às necessidades e fragilidades inerentes ao processo de envelhecimento, providenciando tanto o apoio instrumental como o emocional. No entanto, a família tradicional, enquanto alicerce fundamental da sociedade sofreu alterações nas suas bases sociais e evolui para uma nova tipologia que segundo alguns autores poderá comprometer a sua função social e tendencialmente toda a sociedade, uma vez que tal como defende Barata “ a representação do capital social, o seu fortalecimento, bem como a estabilidade do tecido social, o robustecimento da coesão social passa de forma premente pela capacidade real das famílias em desempenharem as suas funções”. (BARATA, 2010:242)

Actualmente, de acordo com diversas condições que caracterizam a célula familiar, nomeadamente: reduzida dimensão; o elevado preenchimento da carga horária dos seus elementos; emancipação da mulher; espaço físico limitado e enfraquecimento dos laços sociais, esta não consegue dar uma resposta positiva face a algumas alterações sociais como: o aumento do número de idosos dependentes.

Assim, consciente das suas limitações considerou-se prudente implementar um conjunto de respostas sociais que permitissem suprir essas necessidades, principalmente a nível do apoio instrumental, sendo que o apoio emocional desejar-se-ia que continuasse a ser prestado pela família. Todavia, a realidade revela-nos que a maioria das famílias não consegue garantir este apoio emocional e que em grande parte dos casos, o serviço / resposta social também não o consegue prestar da forma mais adequada.

Verificamos que a vida das famílias e a função social de alguns dos seus elementos foi fortemente alterada. A nova estrutura familiar, poderá não representar a célula base que fornece todo o apoio ao crescimento e subsistência dos seus membros, realidade que a comprovar-se, poderá comprometer toda a sociedade.

Tanto na primeira infância como no envelhecimento, com o advento das transformações fisiológicas, psicológicas e sociais, estes dois grupos cingem-se à célula familiar, como forma de sobrevivência e equilíbrio emocional. Neste sentido, a família desempenha uma

função extremamente importante, uma vez que, “é o ponto de encontro, de comunicações e de atenções.

Na família, a criança recém – nascida é recebida para dentro da vida e quando envelhece, a pessoa será levada para fora da vida pela família” (VERSTRAETEN, 1997:131).

Embora sabendo que a permanência destes dois grupos no seio familiar seria o mais sensato e proveitoso, a crescente urbanização e modernização, tal como referido anteriormente, contribuiu para uma alteração dos papéis sociais.

O lugar das crianças, embora com algumas alterações, permanece intocável, por sua vez, o dos idosos tem vindo a perder-se.

A família tradicional deu lugar à nuclear, adoptando novas posturas e uma ideologia individualista dominante nas sociedades contemporâneas. Esta nova família poderá ser comparada a uma espécie de indivíduo colectivo, através do qual o projecto individual se materializa. (GOMES, 2006)

Assistimos então a uma alteração da sua dimensão, a um aumento da sua autonomia e a um maior distanciamento físico quer para com a sua família como para com a comunidade, facto que contribui para uma redução dos laços familiares, dando origem a um desmembramento familiar e a uma inevitável decadência das relações Intergeracionais.

Não obstante todas as controvérsias em torno da sua composição e função social, a nível geral prevalece a ideia de que as famílias têm o dever e a obrigação de se responsabilizar por todos os seus membros, independentemente das dificuldades e limitações que estas possam ter na manutenção desse bem-estar.

Assim, urge reforçar a ideia de que essa tarefa poderá, deverá e terá de ser repartida entre a família e o Estado, sempre numa perspectiva de equilíbrio triangular: família; estado e respostas sociais. Sem este equilíbrio o resultado não será tão proveitoso como o que se desejava, condenando tanto a família como toda a sociedade.

Numa altura em que os valores familiares se alteram, rege a necessidade de fomentar a importância das relações intergeracionais, dignificando a figura do avô e o seu papel, de modo a potenciar e a revalorizar socialmente o seu estatuto.

Segundo Sampaio os avós “são os grandes educadores da actualidade (...) os reservatórios da família que assegura a continuidade da história da família ao longo das gerações”. (SAMPAIO, 2008:13)

Impera assim a necessidade de abordar este tema e reconhecer a importância das relações intergeracionais como forma de dar resposta a algumas patologias sociais provocadas pelo fenómeno do envelhecimento.

CAPÍTULO 2 – MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

2.1. Objecto de Estudo

No âmbito do mestrado em Política Social elaborou-se o presente estudo, que tem como principal objectivo a análise do fenómeno das Relações Intergeracionais, efectuada com base nos questionários aplicados às crianças (em idade de pré – escolar) e aos idosos, que frequentam as respectivas respostas sociais da Santa Casa da Misericórdia de Alenquer.

A escolha da Vila de Alenquer, como zona de estudo prende-se com o facto desta se identificar como uma zona rural, pouco distanciada do meio urbano, com uma importante concentração populacional.

Como objectivos específicos, destacam-se: conhecimento e análise das Relações Intergeracionais existentes entre o grupo alvo e o seu familiar mais novo ou mais velho; avaliação da interpretação/ expectativas que cada um dos grupos envolvidos elabora para si dessa relação; frequência e envolvimento dos elementos nas relações intergeracionais e o grau de influência das mesmas na sua vida.

Como forma de atingir os objectivos delimitados, delineou-se um plano de acção que assenta na realização de uma análise precisa, clara e eficaz a diversos aspectos que se encontram em estreita ligação com o nosso objecto de estudo.

2.2. Aspectos Metodológicos

Atendendo à complexidade do fenómeno das Relações Intergeracionais e como forma de corresponder aos objectivos que delineamos, optou-se por uma abordagem qualitativa exploratória, que permita conhecer e compreender a complexidade dos processos de interacção social que sustentam as Relações Intergeracionais.

No desenrolar do estudo, através da selecção e uso de determinados métodos, instrumentos e fontes de recolha de dados delineamos uma estratégia multimetodológica que permitiu a compreensão do fenómeno, assim como contribuiu para a elaboração de um estudo na sua maioria descritivo.

Inicialmente efectuou-se uma recolha bibliográfica e documental sobre o tema e todo o seu enquadramento teórico – conceptual. Esta, sustentou toda a dissertação assim como incentivou o aprofundar do estudo e o uso dos mais diversos instrumentos de trabalho.

O trabalho empírico realizou-se na Santa Casa da Misericórdia de Alenquer, sita na vila de Alenquer. O critério de escolha da entidade prende-se com o facto de esta dispor de duas respostas sociais distintas: uma específica para idosos (Iar) e uma específica para crianças (Infantário).

Tal como foi referido anteriormente, a preocupação científica do estudo consistiu em analisar o tipo de relação que as crianças estabelecem com os seus avós e que os idosos estabelecem com os seus netos; que expectativa têm dessa convivência; qual a influência da mesma na sua vida, e qual o grau de envolvimento dos elementos na relação.

2.2.1. Tipos de Instrumentos Escolhidos

Ao longo do trabalho, os instrumentos de recolha de dados mais utilizados foram: a pesquisa documental e bibliográfica; a aplicação de questionários; a observação participante e não participante e o recurso ao desenho infantil.

Com base na pesquisa documental e bibliográfica elaborou-se a revisão da literatura.

A informação recolhida serviu de ponto de partida para o estudo e compreensão do fenómeno e transformou-se numa prática comum ao longo do trabalho, destacando-se como um dos instrumentos de recolha de dados mais importantes para a realização da dissertação.

Todavia, de acordo com a complexidade do fenómeno sentiu-se necessidade de recorrer a outras fontes de informação.

Neste sentido foram aplicados inquéritos por questionário, todos distribuídos e preenchidos pelo investigador. A presença do investigador contribuiu para a compreensão de cada situação, assim como permitiu estabelecer uma relação de empatia com os inquiridos, possibilitando captar o máximo de informação centrada nos temas previamente definidos.

No decorrer da aplicação dos questionários, sempre que se considerou necessário adaptaram-se as questões ao nível da compreensão do grupo – alvo e permitiu-se que os inquiridos pudessem intervir, possibilitando o diálogo.

Ao longo do desenvolvimento do trabalho, a entidade foi sujeita enquanto objecto de estudo, à presença do investigador permitindo a prática da observação participante e não participante, facultando ao investigador a oportunidade de recolher informações, relacionar-se com o público – alvo e conhecer o funcionamento da Instituição.

O recurso ao desenho infantil, foi utilizado única e exclusivamente com as crianças, transformando-se numa forma de obter mais informações da parte da amostra acerca do objecto de estudo.

2.2.2. Caracterização da Amostra

A amostra é constituída por vinte e três crianças que frequentam o Jardim Infantil, nomeadamente o pré – escolar e por treze idosos que frequentam o lar. Estes, se mencionados ao longo do estudo surgirão com nomes fictícios para salvaguardar o anonimato.

Das vinte e três crianças, dez são do género feminino e treze do género masculino com idades compreendidas entre os cinco e os seis anos. O critério de selecção destas crianças, recaiu sobre o facto da sua idade se associar a um estágio de desenvolvimento cognitivo que lhes permite perceber e responder às questões colocadas.

No que diz respeito aos idosos, cinco são do género feminino e oito do género masculino com idades compreendidas entre os 75 e os 93 anos. Neste grupo, o critério de selecção incidiu sobre as condições psicológicas dos inquiridos, isto é, os treze idosos analisados, eram de acordo com os responsáveis, aqueles que se encontravam mais sãos a nível cognitivo e por sua vez mais capazes de entender o investigador.

2.2.3. Condições de Recolha dos Dados

Após a realização de uma pesquisa prévia acerca da Santa Casa da Misericórdia de Alenquer, assim como de toda a envolvente, estabelecemos os primeiros contactos com o provedor da referida Instituição.

Ao informá-lo do trabalho que se pretendia desenvolver, este solicitou que oficializássemos o pedido por escrito para posteriormente ser apresentado à direcção.

Com a formalização do pedido em Novembro de 2009, clarificamos pormenorizadamente os nossos objectivos junto do provedor, que mais tarde funcionou como intermediário junto dos responsáveis das respostas sociais.

Em Fevereiro de 2010, após informação da aprovação do estudo, reunimos com a responsável do Infantário e com as respectivas educadoras e auxiliares das salas de pré – escolar. Nesta reunião tivemos oportunidade de apresentar o trabalho a desenvolver, assim como foi possível conhecer o funcionamento da sala e em geral do pré – escolar.

Após o cumprimento de todos os trâmites legais, nomeadamente a solicitação da autorização dos encarregados de educação para o desenvolvimento do estudo, foi-nos facultada a informação necessária, assim como nos foi permitido estar em contacto directo com as crianças.

Neste sentido, no mês de Abril de 2010, nomeadamente durante a segunda quinzena, o investigador aplicou os questionários às crianças.

A aplicação dos questionários teve lugar no Infantário da Santa Casa de Alenquer, mais concretamente nas salas de pré - escolar. Cada inquérito foi preenchido individualmente, dando oportunidade ao investigador de conviver com a criança.

Importa referir que durante a aplicação dos questionários, o investigador permaneceu na sala com os menores, participando em todas as actividades rotineiras do seu dia-a-dia, assim como em actividades no âmbito da dissertação.

Em Junho, a constituição da direcção da Santa Casa da Misericórdia de Alenquer sofreu alterações, como tal, foi necessário voltar a formalizar um novo pedido à direcção da entidade.

Após autorização por parte da Direcção, o investigador reuniu com o novo provedor, ao qual voltou a apresentar o trabalho e posteriormente reuniu com o responsável do lar para demarcar todo o estudo que pretendia elaborar.

Durante o mês de Julho e durante a última quinzena de Agosto de 2010 o investigador aplicou os questionários aos idosos. Semelhante ao trabalho que se realizou no infantário, também no lar, o investigador esteve em contacto directo com os idosos, participando nas suas actividades diárias.

O local escolhido para a aplicação dos questionários foi o lar, mais concretamente as zonas lúdicas que os idosos usavam para conviver e para descansar.

Importa destacar, que apesar de os questionários serem aplicados em locais de acesso livre, foi sempre realizado um esforço para que o ambiente fosse o mais tranquilo possível e para que o diálogo acontecesse apenas entre o investigador e o inquirido.

2.2.4. Recolha, Tratamento e Análise de dados

Concluída a aplicação dos questionários, procedeu-se à sua análise e tratamento.

O investigador optou por utilizar o programa de software SPSS 11.5, com o qual elaborou a análise de frequências e em alguns casos o cruzamento de variáveis.

Importa referir, que não se efectuaram análises muito sofisticadas, uma vez que o estudo revestia de um carácter maioritariamente exploratório.

CAPITULO 3 – CONTEXTO DE ESTUDO

3.1. Vila de Alenquer

Alenquer enquanto vila Portuguesa, pertencente ao distrito de Lisboa, é sede de um município com cerca de 304 km de área e cerca de 58.369 pessoas (INE, 2001).

A nível geográfico encontra-se limitada pelos concelhos de Azambuja e Cadaval a Norte, por Vila Franca de Xira, Arruda dos Vinhos e Sobral de Monte Agraço a Sul, e por Torres Vedras, Azambuja e pelo Rio Tejo a Poente.

Enquanto município compõe-se por dezasseis freguesias, nomeadamente Aldeia Galega da Merceana; Aldeia Gavinha; Cabanas de Torres; Cadafais; Carnota; Carregado; Meca; Olhalvo; Ota; Pereiro de Palhacana; Ribafria; Santo Estêvão (Alenquer); Triana (Alenquer); Ventosa, Vila Franca dos Verdes e Abrigada.

A sua estrutura orográfica é dominada, a Norte, pela Serra de Montejunto, pela Serra Galega e pela Serra Alta e, a Sul, pelo Monte Redondo, pela Serra de Ota, pelo Cabeço de Meca e pelas Coteinas.

Segundo os Censos de 2001, Alenquer apresenta uma importante concentração populacional. De 1991 a 2001 verificou-se um forte crescimento do número de população residente, nomeadamente de 51.888 pessoas a 58.369 pessoas, assim como do número de famílias, de 11.730 para 14.560.

Os dados apresentados evidenciam o fenómeno de crescimento e de deslocação residencial de que a vila tem sido alvo, facto que se poderá justificar pela sua proximidade e fácil acessibilidade a grandes meios urbanos, como Lisboa e Torres Vedras.

A vila dispõe ainda de uma série de serviços ao dispor da comunidade, entre elas destacamos a Santa Casa da Misericórdia de Alenquer, uma entidade de cariz social que presta apoio à população da Vila.

3.2. Santa Casa da Misericórdia de Alenquer

A Santa Casa da Misericórdia de Alenquer, em funcionamento a cerca de trinta e cinco anos apresenta-se como uma Instituição de caridade e de assistência pública.

Actualmente, a acção assistencial da Misericórdia de Alenquer diversifica-se em algumas áreas muito importantes como: terceira idade, infância, pobreza, exclusão – social, cultura, lazer, entre outras.

Na área social, a Misericórdia de Alenquer desenvolve a sua actividade no auxílio à população possuindo para o efeito diversas respostas sociais e serviços, nomeadamente: o Infantário e o Lar onde decorreu o estudo.

Infantário

A Santa Casa da Misericórdia de Alenquer possui dois equipamentos sociais que respondem pela intervenção e assistência junto de crianças.

O presente equipamento social, com origem em 1982, situa-se actualmente num espaço recente, localizado numa zona calma e tranquila, na chamada “Vila Alta”.

Não obstante a existência de diversas salas de trabalho, desde o berçário até ao pré – escolar, esta resposta social dispõe ainda de uma sala de ginástica, uma sala de leitura com televisão, dois parques de diversão, um refeitório, entre outros espaços lúdicos. Prevê-se ainda, a construção de uma quinta pedagógica onde as crianças possam interagir com os animais e a restante natureza.

Importa referir, que na presente data o infantário presta apoio a mais de cem crianças, tendo ao seu dispor cerca de setenta e cinco funcionários, que trabalham para que este seja um local de aprendizagem e de modelagem de vivências, atitudes e relações.

Lar

Permanecendo no edifício de origem, desde 1976 que esta resposta social presta apoio à população da terceira idade.

Situado também na designada “Vila Alta”, dispõe de uma zona de dormitório, duas salas de refeitório e duas salas comuns. Assim como um jardim no meio do edifício e vários espaços verdes no exterior do equipamento.

No presente, acolhe cerca de setenta e cinco idosos, cuidados por um total de quarenta e dois funcionários, que prestam um conjunto de serviços essenciais, tais como: alimentação, higiene,

tratamento de roupa, cuidados de saúde, actividades de ocupação, animação e lazer, de modo a promover o bem – estar físico, psíquico e social dos seus utentes.

CAPITULO 4 – RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

Nota prévia

O presente estudo inclui a análise de trinta e seis questionários, aplicados durante o ano de 2010, na Santa Casa da Misericórdia de Alenquer, mais concretamente no Infantário e no Lar de Idosos.

Os questionários a partir dos quais se recolheu a informação foram previamente elaborados e incluem uma série de questões que pretendem: tipificar a nossa amostra, classificando as crianças enquanto netos e os idosos enquanto avós, assim como avaliar a relação intergeracional que estes mantêm com o seu familiar directo.

Inicialmente, considerou-se enriquecedor questionar as crianças que se encontravam a frequentar o infantário e os seus avós directos, no entanto, após apresentação informal do projecto, verificou-se não ser exequível a sua concretização.

Porém, apesar de não nos ser possível realizar uma investigação dentro dos trâmites que pretendíamos, consideramos que o facto de aplicar pessoalmente cada inquirido permitiu ao investigador observar de forma mais pormenorizada cada inquirido, assim como estabelecer uma empatia com o mesmo de maneira a que o discurso fluísse da forma mais natural.

A aplicação dos questionários a estes dois grupos possibilitou ainda analisar uma dimensão consideravelmente nova das relações intergeracionais, nomeadamente o facto de um dos grupos, ou até mesmo os dois, frequentarem uma resposta social, ou se encontrem institucionalizados, realidade que antigamente não se verificava com tanta frequência.

Nos últimos anos, em função das inúmeras alterações sociais verificadas, fomos alertados para a importância do estudo das relações intergeracionais.

Todavia, não obstante toda a atenção que tem sido dedicada a este fenómeno, verificamos que os principais agentes intergeracionais são actualmente confrontados com novos sistemas de valores, avanços tecnológicos repentinos, interesses e experiências completamente divergentes, que condenam em muito a continuidade do convívio intergeracional.

4.1. Identificação da Amostra

Crianças

De acordo com a Convenção dos Direitos da Criança, menor é todo o ser humano com idade inferior a 18 anos, salvo se nos termos da Lei atingir a maioridade mais cedo.

Quadro nº1 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com a Idade e o Género

				GÉNERO DA CRIANÇA		Total
				FEMININO	MASCULINO	
IDADE DA CRIANÇA	5 ANOS	Nº		2	2	4
		%		8,7%	8,7%	17,4%
Total	6 ANOS	Nº		8	11	19
		%		34,8%	47,8%	82,6%
Total		Nº		10	13	23
		%		43,5%	56,5%	100,0%

A distribuição da informação relativa à idade e ao género dos inquiridos (ver quadro nº 1) permite-nos concluir que a maioria da nossa amostra, mais precisamente 56,5% é do género masculino. Relativamente à idade dos menores, verifica-se uma predominância de casos de inquiridos com “6 anos de idade” (82,6%).

A existência de crianças apenas nestas duas faixas de idade (5 e 6 anos), está relacionada com o facto de o investigador pretender questionar os menores que se encontrem num estágio de desenvolvimento cognitivo e num nível de percepção e entendimento que lhes possibilite compreender e responder às questões.

O interesse por esta classe de idades deriva ainda da importância que o investigador considera que o contacto com os avós pode ter nesta fase, condicionando o desenvolvimento e continuidade da relação ao longo da vida.

Quadro nº2 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com a Naturalidade e o Género

			GÉNERO DA CRIANÇA		Total
			FEMININO	MASCULINO	
NATURALIDADE DA CRIANÇA	LISBOA	Nº	9	10	19
		%	39,1%	43,5%	82,6%
	FORA DO PAÍS	Nº	1	3	4
		%	4,3%	13,0%	17,4%
Total		Nº	10	13	23
		%	43,5%	56,5%	100,0%

Relativamente à naturalidade dos inquiridos (ver quadro nº 2) verifica-se que independentemente do género, existe uma predominância (82,6% de casos) de crianças naturais do Distrito de Lisboa, facto que poderá estar relacionado com a localização do equipamento social, isto é, ao longo do estudo constatou-se a existência de duas razões que justificam a presença destas crianças no Infantário: por um lado o facto de muitos residirem com os progenitores na zona do equipamento social, e por outro lado o facto de muitos pais trabalharem relativamente perto do infantário.

A referir ainda a existência de quatro inquiridos, três do género masculino e um do género feminino que nasceram fora do país, mais concretamente dois deles no Brasil, um em Angola e um na Rússia. Estes dados alertam-nos para a questão da imigração, mais precisamente e tendo em conta o estudo, para as alterações que este fenómeno pode provocar a nível das Relações Intergeracionais, uma vez que numa primeira vaga vamos ter mais crianças a crescer sem a presença dos avós, questão que poderá comprometer os laços afectivos entre as duas partes.

Idosos

Estatísticas de várias entidades, como as Nações Unidas e o Conselho da Europa retratam uma realidade já conhecida, em que o fenómeno do envelhecimento demográfico ocupa uma posição de destaque a nível mundial.

Segundo estatísticas do INE (2005), em Portugal assiste-se a um aumento gradual e acentuado do número de pessoas com 65 e mais anos, passando de uma percentagem de 16,9% em 2005, a uma percentagem de 20,4% em 2010.

Quadro nº3 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com a Idade e o Género

			GÉNERO DO IDOSO (A)		Total
			FEMININO	MASCULINO	
IDADE DO IDOSO (A)	65 - 69	Nº	0	1	1
		%	,0%	7,7%	7,7%
	75 - 79	Nº	0	2	2
		%	,0%	15,4%	15,4%
	80 - 84	Nº	4	3	7
		%	30,8%	23,1%	53,8%
	+ de 90	Nº	2	1	3
		%	15,4%	7,7%	23,1%
Total		Nº	6	7	13
		%	46,2%	53,8%	100,0%

Consideram-se pessoas idosas os Homens e Mulheres com idade igual ou superior a 65 anos, classe que em Portugal está associada à fase da reforma. (INE, 2001)

A informação presente nos 13 questionários analisados (ver quadro nº3) alerta-nos para o facto da maioria dos inquiridos ter idades compreendidas entre os oitenta e os oitenta e quatro anos e ser predominantemente do género masculino.

A predominância de inquiridos na seguinte escala de idades poderá estar relacionada com o aumento da longevidade, assim como com o aparecimento e generalização do número de respostas sociais/serviços que prestam apoio aos idosos que ainda dispõem de capacidades para permanecerem nas suas casas. A aderência a este tipo de serviços, poderá justificar o facto da maioria dos inquiridos, assim como dos utentes em geral deste equipamento social, apresentarem uma idade tão avançada e uma ecuménica diminuição das capacidades.

Deste modo, verificamos que tal como a maioria dos estudos demonstra, o número de idosos nos lares aumenta consoante a sua idade e o seu grau de debilidade, transformando a institucionalização, a nível decrescente, na terceira resposta social com mais peso entre as várias valências da segurança social. (JACOB, 2001)

Ainda neste sentido, observamos que a faixa de idades considerada mais jovem (65 a 69 anos) e como tal associada a uma menor diminuição das capacidades físicas e psíquicas apresenta apenas um único caso, facto que está relacionado com toda a informação referida anteriormente, ou seja, a maioria das pessoas dá entrada no lar com uma idade mais avançada e num estado físico e psíquico mais debilitado.

Destacamos ainda, o facto dos inquiridos do género feminino se sobreporem às do género masculino nas faixas de idade mais avançadas, isto é, de acordo com o quadro nº 3, verificamos que os inquiridos com idades compreendidas entre os 65 e os 79 anos, são em menor número e são maioritariamente do género masculino, por sua vez os inquiridos com mais de 80 anos representam

a maioria da amostra e são predominantemente do género feminino, facto também constatado no estudo da autora Stella António e justificado pela mesma como um possível resultado “da maior sobremortalidade masculina”. (ANTÓNIO, 2010:53)

Quadro 4 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com a Naturalidade e o Género

			GÉNERO DO IDOSO (A)		Total
			FEMININO	MASCULINO	
NATURALIDADE DO IDOSO (A)	FORA DE LISBOA	Nº	0	3	3
		%	,0%	23,1%	23,1%
	LISBOA	Nº	6	4	10
		%	46,2%	30,8%	76,9%
Total		Nº	6	7	13
		%	46,2%	53,8%	100,0%

Analisando o quadro acima apresentado (ver quadro nº4), concluímos que a maioria dos inquiridos, independentemente do género, concentra-se especialmente no distrito de Lisboa, com 10 casos (76,9%), facto que se poderá justificar pela localização do Equipamento Social e pela reduzida deslocação de bens e pessoas que se verificava anteriormente no país.

Em relação aos inquiridos do género feminino, verificamos que estes se distribuem apenas pelo distrito de Lisboa e de Viseu. Quanto aos inquiridos do género masculino, constatamos que estes são na sua maioria naturais dos distritos de Lisboa, Guarda e Aveiro.

Quadro número 5 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com o Estado Civil e o Género

			GÉNERO DO IDOSO (A)		Total
			FEMININO	MASCULINO	
ESTADO CIVIL DO IDOSO (A)	OUTRO	Nº	0	2	2
		%	,0%	15,4%	15,4%
	VIÚVO	Nº	6	5	11
		%	46,2%	38,5%	84,6%
Total		Nº	6	7	13
		%	46,2%	53,8%	100,0%

Além da idade, o estado civil dos inquiridos aparece como outra das características que importa analisar pelo seu grau de concentração em determinada categoria.

Assim, de acordo com o quadro nº 5, verificamos que independentemente do género, o estado civil mais representativo é o de “viúvo (a)”, que à partida se encontra relacionada com a predominância de inquiridos em idades tão avançadas. Importa referir que estes resultados também se verificam noutros estudos, nomeadamente no estudo da autora Stella António (2010).

A destacar ainda, a existência de um inquirido que se apresentou com “solteiro”, associando o facto de nunca ter casado à sua condição física. Segundo o inquirido: “ninguém queria uma pessoa assim como eu. Eu própria não queria que algum familiar meu casa-se com uma pessoa assim”, referindo-se ao facto de se encontrar toda a vida numa cadeira de rodas.

As restantes categorias conhecidas, nomeadamente: “união de facto” e “casado (a)” não tiveram qualquer representatividade, uma vez que nenhum inquirido se apresentou como tal, o que poderá estar, por um lado relacionado com a idade média da amostra, no que diz respeito à categoria “casado (a)”, e por outro lado relacionado com um sistema de valores anteriormente instituídos pela Igreja Católica, no que respeito à categoria “união de facto”.

4.2. Apresentação e Discussão de Resultados

Avaliando a especificidade de cada grupo – alvo, considerou-se prudente elaborar um questionário exclusivo para as crianças (ver anexo nº1) e outro para os idosos (ver anexo nº2).

Assim, as questões aplicadas em cada um dos questionários, divergem na tipologia e conteúdo, todavia centram-se uniformemente no objecto de estudo.

Tendo em conta este facto, iniciamos com o tratamento de dados recolhidos através dos questionários aplicados às crianças, seguido da análise dos dados resultante da aplicação dos questionários aos idosos.

4.2.1 Crianças

A presente análise, resultou da aplicação dos seguintes instrumentos de trabalho: questionários, desenho infantil e jogos lúdicos, e encontra-se fragmentada em três dimensões, nomeadamente: Dimensão Familiar, Social e Afectiva.

a) Dimensão Familiar

- **Quadro nº 6 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com os elementos que constituem o Agregado Familiar**

		FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
QUE ELEMENTOS COMPÕEM O TEU AGREGADO FAMILIAR?	UM SÓ PROGENITOR	5	21,7%
	OS DOIS PROGENITORES	7	30,4%
	OS DOIS PROGENITORES E IRMÃOS	11	47,8%
	Total	23	100,0%

De acordo com o quadro apresentado (ver quadro nº 6), ao verificarmos quais os elementos que compõem o agregado familiar dos inquiridos, observamos que se destacam duas categorias: “os dois progenitores” com 30,4% dos casos e “os progenitores e irmãos” com 47,8% dos casos”.

Constatando que na segunda categoria (“os progenitores e irmãos”) se verifica maioritariamente a existência de um só irmão, resultados que correspondem aos números avançados na maioria das estatísticas nacionais, em que se verifica uma redução gradual da dimensão familiar, ou seja, pelas mais diversas razões, sejam elas de cariz económico e/ou sociais, as famílias portuguesas têm apresentado uma composição cada vez mais reduzida (INE, 2001).

A destacar ainda a existência de 21,7% de crianças que vivem apenas com um dos progenitores, nomeadamente com a mãe, questão que nos alerta para o aumento da existência de famílias monoparentais resultante na maioria das vezes de divórcios.

Segundo Daniel Sampaio estas “novas famílias reconstruídas a partir da ruptura, não têm à partida mais dificuldades, mas por certo lidam com realidades complexas, uma das quais é a forma como se relacionam com as memórias do passado”, ou seja, na maioria das vezes o facto de a criança se encontrar apenas com um dos progenitores leva ao enfraquecimento dos laços afectivos com o outro e consecutivamente com os avós desse lado, o que coloca a criança numa situação delicada, limitando a relação intergeracional e o conhecimento de uma série de referências familiares. (SAMPAIO, 2008:12)

O autor defende ainda que esta distanciação poderá “contribuir para o enfraquecimento da transmissão de valores e crenças através das gerações” (SAMPAIO, 2008:12).

No entanto e não obstante a apresentação destes dados, constatamos que em média geral a maioria das crianças têm uma noção de família mais alargada, isto é, ao solicitarmos que elaborassem um desenho da sua família corríamos o risco destes desenharem apenas os elementos com os quais partilham o lar, no entanto verificou-se o oposto, como se pode observar em dois desenhos seleccionados aleatoriamente (ver anexo nº 3 e nº 4).

A análise dos desenhos permite-nos concluir que a totalidade dos inquiridos tem, mesmo que esporádico, contacto com a família e identifica-a como tal. De focar a presença dos avós em todos os desenhos, assim como de outros elementos como: “tios e primos”.

No desenho presente no anexo nº 4, não consta nenhuma imagem da mãe do inquirido, ao ser confrontado com tal situação o menor respondeu: “esqueci-me, mas não faz mal está a minha avó”, isto é, denota-se que existe uma transmissão de valor de um elemento para o outro, levando a que o menor em questão, entenda que a sua avó poderá funcionar como uma substituição da mãe.

- **Quadro nº7** – Distribuição dos Inquiridos de acordo com a existência de avós e o número dos mesmos

			QUANTOS AVÓS TENS?				Total
			2	3	4	MAIS DE 4	
TENS AVÓS?	SIM	Nº	10	4	8	1	23
		%	43,5%	17,4%	34,8%	4,3%	100,0%
Total		Nº	10	4	8	1	23
		%	43,5%	17,4%	34,8%	4,3%	100,0%

Ao observar o quadro acima apresentado (ver quadro nº 7), verificamos que a totalidade das crianças responde afirmativamente à questão relativa sobre a existência de avós, indicando a existência de avós, no entanto diferem no número de avós que cada um tem. Neste sentido, constata-se que a maioria da amostra, nomeadamente 43,5% tem apenas dois avós, facto que poderá estar relacionado com o número de famílias monoparentais existentes, ou seja, por vezes o enfraquecimento dos laços afectivos com o progenitor pode influenciar também o distanciamento da restante família, tal como refere uma das inquiridas: “só estou com eles quando vou para o meu pai e quase nunca vou”.

A segunda categoria com maior número de casos é a que indica que cada criança tem quatro avós, identificando-os como dois maternos e dois paternos, situação considerada regra geral, isto é, no quadro de uma família dita normal, pressupõe-se a existência de quatro avós.

Com 17,4% de casos, aparecem os inquiridos que responderam ter apenas três avós, facto que ao longo do trabalho se verificou estar associado a morte de algum avô. Como refere um inquirido: “o avô já morreu, tinha um bichinho dentro dele que o estava a comer. Já tenho saudades dele”.

Importa referir que a morte de um dos avós é muitas vezes o primeiro contacto das crianças com tal fenómeno. (SAMPAIO, 2008)

Por fim, constatamos ainda a existência de um inquirido que afirmava ter mais de quatro avós, nomeadamente cinco, questão que está relacionado com o divórcio do casal e com um novo casamento, isto é, com a recomposição familiar e a associação do papel de avó.

- **Quadro nº8** – Distribuição dos Inquiridos de acordo com a distinção entre avós Maternos ou Paternos

		FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
OS TEUS AVÓS SÃO:	PAIS DA MÃE	6	26,1%
	PAIS DO PAI	4	17,4%
	PAIS DOS DOIS PROGENITORES	12	52,2%
	NÃO SABE RESPONDER	1	4,3%
	Total	23	100,0%

Ao questionarmos os menores sobre a distinção entre os avós maternos e os avós paternos (ver quadro nº 8) constatamos que a maioria identificou os seus avós como pais dos dois progenitores, depreendendo-se que têm um contacto igual e um esclarecimento geral sobre esta questão.

Curiosamente, a segunda maior percentagem de respostas corresponde aos inquiridos que identificaram os avós como pais da sua mãe, facto que poderá ser sinónimo de um maior contacto com as avós maternos. Resultados também constatados noutros estudos como o da autora Stella António, em que existia uma matrilinearidade dos afectos. (ANTÓNIO, 2010)

Este número poderá também estar relacionado com o facto de existirem uma quantidade significativa de crianças que pertencem a famílias monoparentais, em que a mãe e toda a família materna têm um lugar de destaque.

Importa referir que o facto de 17,4% de inquiridos identificar os avós como pais do pai e 26,1% como pais da mãe, está associado a uma maior proximidade física e por consequência a um maior envolvimento afectivo.

Quadro nº9 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com a residência dos avós e a realização de visitas aos mesmos

		VAIS VISITÁ-LOS?		Total
		SIM	NÃO	
OS TEUS AVÓS NÃO VIVE CONTIGO?	Nº	21	2	23
	%	91,3%	8,7%	100,0%
Total	Nº	21	2	23
	%	91,3%	8,7%	100,0%

Ao observarmos o presente quadro (ver quadro nº 9), constata-se que nenhum dos inquiridos vive com os avós.

No seguimento destes dados, importa reflectir sobre as alterações verificadas nas famílias, uma vez que anteriormente era comum encontrar famílias a partilhar a casa com os seus idosos, situação que hoje já praticamente não se verifica, tal como é constatado no estudo de Stella António (2010) em que grande maioria dos netos nunca tinha vivido com os avós.

Facto que se traduz muitas vezes numa ideia errada de que a família já não dispõe de afecto para com os mais velhos, todavia segundo Barata a família exclui porque “já está excluída pelos diversos constrangimentos – a organização do trabalho, a participação do homem e da mulher no mercado de trabalho, a difícil articulação com a solução habitacional que empurra para periferias cada vez mais afastadas dos locais de trabalho, que favorecem o isolamento dos grupos, que afastam das famílias de origem”. (BARATA, 2010:239)

Ao questionarmos os menores sobre se estes visitavam os seus avós, uma percentagem muito significativa, (nomeadamente 82,6%) respondeu positivamente, demonstrado existir da parte

destes pais uma consciencialização da importância deste contacto para o desenvolvimento e para tal como defende Sampaio a “transição mais suave da criança para a vida escolar”. (SAMPAIO,2008:83)

A destacar ainda os 8.7% que responderam que nunca tinha visitado os avós, questão que está relacionado com o facto destes se encontrarem fora do país, ou seja, estas duas crianças nunca tiveram oportunidade de conhecer pessoalmente os avós. Tal como refere um dos dois inquiridos: “eles estão à minha espera, e um dia a minha mãe diz que vamos conseguir ir lá”.

Quadro nº 10 - Distribuição dos Inquiridos de acordo com o elemento do Agregado Familiar que lhe permite realizar a visita

			COM QUEM É QUE OS VAIS VISITAR?			Total
			PAIS	PAIS E IRMÃOS	SÓ UM PROGENITOR	
AGREGADO FAMILIAR	MÃE	Nº	0	0	5	5
		%	,0%	,0%	21,7%	21,7%
	PAIS	Nº	4	0	3	7
		%	17,4%	,0%	13,0%	30,4%
	PAIS E IRMÃOS	Nº	4	2	5	11
		%	17,4%	8,7%	21,7%	47,8%
Total	Nº	8	2	13	23	
	%	34,8%	8,7%	56,5%	100,0%	

Tal como foi referido ao longo do estudo, a família desempenha um papel fulcral nas relações intergeracionais, principalmente na fase, em que as crianças ainda apresentam uma idade que as torna exclusivamente dependentes dos seus progenitores.

Como refere Stella António, de forma crescente “as relações entre avós e netos desenvolvem-se fora do alcance da geração intermédia”, todavia até alcançar autonomia para tal, é esta mesma geração intermédia (os pais) que implementam e desenvolvem o contacto entre os netos e os avós. (ANTÓNIO, 2010:91)

No quadro analisado anteriormente (ver quadro nº9), verificamos que a maioria das crianças que compõem a amostra visita os seus avós. Assim, consideramos importante perceber quem possibilitava e acompanhava as crianças nessas visitas (ver quadro nº10), verificando-se que na sua maioria estas são realizadas apenas com um progenitor.

Em menor número, mas também significativo, destaca-se a existência de 30,4% de casos em que as visitas são realizadas em conjunto com os dois pais.

Importa perceber que, na categoria “pais” e “pais e irmãos”, se verificam casos de inquiridos que visitam os avós apenas com um progenitor, ou seja, depreende-se então que exista uma maior ligação entre esse progenitor e os avós em questão, facto que poderá ser explicado pelos de laços de fraternidade existentes entre eles

Quadro nº11 - Distribuição dos Inquiridos de acordo com a hipótese dos seus avós viverem na sua casa

	FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
GOSTARIAS QUE OS TEUS AVÓS VIVESSEM CONTIGO? SIM	17	73,9%
NÃO	6	26,1%
TOTAL	23	100,0%

Uma vez que nenhuma das crianças vive com os avós, questionámo-las sobre a hipótese destes irem viver na mesma casa que eles.

Neste sentido e de acordo com o quadro nº11, verificamos que 73,9% dos casos respondeu positivamente referindo na sua maioria que gostariam que os avós vivessem com eles.

Neste grupo evidenciam-se dois tipos de respostas diferentes: aqueles que gostavam e consideram que seria possível e aqueles que gostavam mas pensam não ser exequível. Em relação aos inquiridos que responderam positivamente destacamos duas frases dos menores: “Sim, gostava muito. Assim podíamos brincar sempre, nem era preciso vir á escola”; “Sim, gostava muito porque eles estão-me sempre a perguntar se tenho fome e assim faziam bolos todos os dias”.

Relativamente ao grupo de inquiridos que responderem positivamente, mas não consideraram ser possível, destacam-se as seguintes razões: “eu gostava, mas eles não podem porque têm os cães para levar ao veterinário”; “gostava mas depois os vizinhos deles iam ficar preocupados”.

Por sua vez, 26,1% respondeu que não gostaria que os avós se mudassem para a sua casa, justificando que: “depois a minha mãe tem muito trabalho a lavar a roupa de todos” e “ não temos camas que cheguem e ninguém pode dormir no chão”.

As justificações avançadas pelas crianças que responderam negativamente à questão, demonstra que este é um assunto sobre o qual os inquiridos já possuem uma opinião formada, talvez por já terem colocado a questão aos seus pais.

Quadro nº12 - Distribuição dos Inquiridos de acordo a frequência das visitas que realiza aos avós e a possibilidade destas serem mais recorrente

		GOSTAVAS DE VISITAR MAIS VEZES OS TEUS AVÓS?		TOTAL	
		SIM	NÃO		
VISITAS OS TEUS AVÓS MUITAS VEZES?	SIM	Nº	7	2	9
		%	30,4%	8,7%	39,1%
	NÃO	Nº	12	0	12
		%	52,2%	,0%	52,2%
	NÃO SEI	Nº	2	0	2
	PRECISAR	%	8,7%	,0%	8,7%
TOTAL		Nº	21	2	23
		%	91,3%	8,7%	100,0%

No âmbito do modelo da Solidariedade Intergeracional entre avós e netos, mais concretamente, a Solidariedade Associativa (ANTÓNIO, 2010) verificamos que de acordo com o quadro nº12 mais de metade dos inquiridos (52,2%) considera que não visita os avós muitas vezes, referindo na sua totalidade que gostariam de aumentar o número de visitas. A comprovar estes dados destacamos as respostas de dois inquiridos, nomeadamente: “Sim, gostava de ir vê-los mais vezes, porque gosto muito deles e tenho saudades”; “Sim, gostava de ir mais vezes, porque eles sempre que lá vou ficam muito felizes e dão-me surpresas”.

Por sua vez, 39,1% dos menores considera que visita muitas vezes os seus avós, sendo que 8,7% destes refere mesmo que não gostaria de tornar as visitas mais frequentes. Citando um dos inquiridos: “moram muito longe, quando vou lá tenho de sair de casa de dia e só chego lá de noite”.

Por fim, destacamos dois casos que embora não sabendo precisar se as visitas são em grande ou em pequeno número, consideram que gostariam que fossem mais recorrentes.

Conscientes do facto da definição “muitas” ser relativa, alertamos para a idade média da amostra e para as dificuldades que esta apresentava para quantificar o número de vistas. Neste sentido, ao serem questionadas sobre a última visita que tinham realizado, a maioria associou-a à celebração da Páscoa, todavia também foram referidas respostas como: “no último fim-de-semana”, demonstrando que possivelmente as visitas são constantes.

Quadro nº13 - Distribuição dos Inquiridos de acordo a existência de visitas por parte dos avós

	FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
OS TEUS AVOS VISITAM-TE? SIM	15	65,2%
NÃO	7	30,4%
ÀS VEZES	1	4,3%
TOTAL	23	100,0%

Segundo Daniel Sampaio “os avós mostram um amor incondicional, uma disponibilidade continuada e acima de tudo, uma tranquilidade relacional”. (SAMPAIO, 2008:83)

Neste sentido, tentamos analisar o envolvimento dos avós avaliando a existência ou inexistência de visitas aos netos.

Assim, de acordo com o quadro nº 13, verifica-se que mais de metade dos inquiridos, nomeadamente 65,2% indica receber visitas dos seus avós face a 30,4% que respondeu negativamente à questão, justificando com a distância física, a idade e o nível de incapacidade destes, tal como referem três inquiridos: “eles não vêm, porque moram muito longe”; “o avô queria vir, mas não sabe o caminho e depois pode perder-se” e por fim, “os avós não vem porque são velhinhos e não sabem conduzir”

Importa dar relevo também a um caso que respondeu que os avós só o visitam às vezes, referindo ainda que essas visitas só acontecem quando ele está doente.

Quadro nº14 - Distribuição dos Inquiridos de acordo com a relação dos avós com a escola

		E QUE SITUAÇÕES?		Total
		FESTAS	ROTINA	
OS TEUS AVÓS FREQUENTAM A ESCOLA? SIM	Nº	3	1	4
	%	75,0%	25,0%	100,0%
Total	Nº	3	1	4
	%	75,0%	25,0%	100,0%

Segundo Daniel Sampaio “um momento significativo ocorre quando os avós vão buscar os netos à escola”. (SAMPAIO, 2008:86)

Neste sentido, perguntámos às crianças se os seus avós conheciam a escola e se a visitavam, constatando que apenas quatro das vinte três crianças referiu que os seus avós frequentavam o equipamento social, a sua maioria para participar em actividades lúdicas. Facto também referido pela educadora de uma das salas, referindo como principais actividades: festas de aniversário; festas de Natal e de final de ano. (ver anexo nº5, questão nº6)

A destacar também a existência de duas crianças que referiram, que os seus avós se dirigiam ao equipamento social para “visitas de rotina” (25%), nomeadamente para os irem buscar, ao questionar as educadoras sobre o envolvimento destes na educação dos netos, destaca-se a seguinte resposta: “os pais são interessados e preocupados sobre o desenvolvimento geral dos filhos assim como do comportamento dos mesmos (...) os avós não têm esta preocupação. Quando os vêm buscar querem saber se portou bem e comeu bem” (ver anexo nº6, questão nº4), relatos que vão de encontro á ideia pré-definida de que os avós são segundos pais, sem a parte controladora dos progenitores. Tal como defende Daniel Sampaio ao referir que “vivem sempre preocupados com o sucesso académico, o futuro profissional, as (más) companhias. Os avós podem partilhar essas inquietações mas preferem usufruir do afecto...”. (SAMPAIO, 2008:63)

As restantes crianças ao indicarem que os avós não frequentavam a escola demonstraram tristeza com tal facto, referindo que gostariam que eles conhecessem os seus amigos, a sua sala e os trabalhos que fazem com as educadoras.

Neste grupo, a maioria das respostas centram-se no desgosto pelos avós não estarem presentes nas festas de aniversário e por não os virem buscar, tal como refere um inquirido “eu gostava que o meu avô me viesse buscar, assim podia ir embora mais cedo e ainda dava para ele me comprar uns cromos para a caderneta.

b) Dimensão Social

Quadro nº15 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com a Convivência com os avós

		FREQUÊNCIAS	PERCENTAGEM
CONVIVES COM OS TEUS AVÓS?	SIM, COM TODOS	6	26,1
	SIM, COM OS QUE VIVEM MAIS PERTO	15	65,2
	NÃO CONVIVE COM NENHUM	2	8,7
	Total	23	100,0

Sabendo que a totalidade das crianças tem avós, pretendemos ter conhecimento da existência de convivência entre estes.

Neste sentido, constatamos que um total de 91,3% de crianças afirma conviver com os seus avós. Todavia, verifica-se que existe uma diferença enorme entre aqueles que indicam conviver com todos os seus avós (26,1%) e aqueles que convivem apenas com os avós que vivem mais perto da sua residência (65,2%).

A constatação destes factos surge e poderá ser traduzida com base na análise do modelo de solidariedade Intergeracional entre avós e netos, mais concretamente através do modelo da solidariedade estrutural, uma vez que se verifica que a distância geográfica aumenta a convivência entre a amostra e os respectivos avós. (ANTÓNIO, 2010).

Também nos desenhos elaborados pelas crianças se evidencia a existência de uma maior convivência com alguns avós, facto representado através da imagem desse avô, isto é, destacamos por exemplo um menor que ao desenhar a família, desenhou primeiro este avô e enfatizou a sua imagem sobrepondo-a a todas as outras. Ao ser questionado por tal facto, respondeu: “ é a minha avó mais querida, brinco muito com ela” (ver anexo nº7)

Verifica-se ainda a existência de dois casos que não convivem com os avós, facto que se justifica com a distância enorme que os separa, ou seja, com a ausência destes do país.

Ainda no âmbito desta convivência, o investigador abordou as educadoras a cerca da possível influência que esta convivência poderia ter na vida dos menores, sendo que as respostas foram muito coerentes considerando que: “os avós presentes têm uma importância muito grande no desenvolvimento global de uma criança. Por vezes são o elo essencial para a criança se integrar na sociedade”. (ver anexo nº5)

Quadro nº16 - Distribuição dos Inquiridos de acordo com a hipótese de brincar com os seus avós

	FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
BRINCAS COM OS TEUS AVÓS?		
SIM	17	73,9%
NÃO	4	17,4%
ÀS VEZES	2	8,7%
Total	23	100,0%

Segundo Barata “A família ensina no acto e na forma de acolher (...) permitindo a aquisição de saberes que tornam possível a compreensão do mundo, a aprendizagem de competências que permitam desenvolver a capacidade de comunicar com os outros e de Integração no meio envolvente”. (SAMPAIO, 2010:238)

Daniel Sampaio defende ainda que “entre o nascimento e os 6 anos a relação com os avós estrutura-se através do olhar e do contacto físico” daí a importância das brincadeiras realizadas entre os dois elementos, uma vez que é através destas que os avós transmitem memórias, valores, tradições e mais importante que tudo, demonstram afecto para com os netos. (SAMPAIO, 2008:91)

Assim, questionámos os menores a cerca deste assunto (ver quadro nº16) e verificamos que 73,9% dos inquiridos refere que brinca com os seus avós, demonstrando existir envolvimento e disponibilidade da parte dos avós e da restante família, nomeadamente os pais, para promoverem estes encontros.

Por sua vez, 17,4% dos menores não brinca com os avós, no seu entender porque: “eles têm sempre muito trabalho a fazer o jantar”, ou seja, a maioria destes menores associavam o facto de não

brincarem com os avós com questões relacionadas com as ocupações que estes têm no seu dia – a – dia, mais concretamente na lida da casa.

Também os 8,7% de inquiridos que responderam positivamente, mas condicionaram essa actividade, justificaram este facto com a falta de tempo dos avós. Citando um dos inquiridos “quando o avô não tem de arranjar a horta brincamos, mas ele às vezes não pode” (ver anexo nº8). No seguimento desta declaração, o menor referiu que ia fazer um desenho “do avô na quinta, é onde ele está muitas vezes. Vou meter-lhe um boné, porque ele é um bocadinho careca”.

Quadro nº17 - Distribuição dos Inquiridos de acordo com os jogos que brinca com os seus avós

	FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
QUE JOGAS BRINCAS COM OS TEUS AVÓS?		
JOGOS TRADICIONAIS	14	60,9%
JOGOS ACTUAIS	3	13,0%
JOGOS INFORMÁTICOS	2	8,7%
Total	19	82,6%
NÃO BRINCA COM OS AVÓS	4	17,4%
Total	23	100,0%

No que diz respeito às actividades (brincadeiras) que as crianças referem ser comuns na sua relação com os idosos destacam-se: os jogos tradicionais com 60,9% de casos; os jogos actuais com 13% de casos e os jogos informáticos com 8,7% de casos.

Em relação aos jogos tradicionais a maioria das crianças referiu: o jogo das escondidas; da apanhada; da Cabra-Cega; da Macaca, entre outros.

A existência / permanência destes jogos poderá estar relacionados com a geração em que os seus avós possam ter nascido, assim como a zona em que residem (zona rural).

Relativamente aos jogos actuais, verificamos que estes são predominantemente associados aos Desenhos Animados que se encontram em voga. A constatar estes factos destacamos os relatos de dois menores: “brincamos às Winx’s, eu faço de fada boa e a minha avó é minha irmã” e “ eu levo os meus Gormits para lá e o meu avô brinca comigo”.

Demonstram ser “jogos” muito relacionados com os tempos que se vivem, dotados de grande relatividade uma vez que no próximo ano, crianças da mesma idade provavelmente não vão usar estas figuras para brincar.

Com menor percentagem, aparecem os Jogos Informáticos, sendo que duas crianças afirmam jogar com os avós (género masculino) no computador. De frisar o facto que estes dois casos referem primeiro ter “ensinado” os avós a jogar, nomeadamente e citando um dos inquiridos: “eu jogo com o avô no computador, num jogo de bolas. Eu ensinei-o e ele às vezes até me ganha”.

Ainda no que diz respeito aos jogos informáticos, apresentou-se aos menores a imagem de uma pessoa idosa a fazer tricô ao computador (ver anexo nº9), questionando-os acerca da possibilidade de brincarem com os seus avós nos computadores, sendo que a maioria referiu não ser

possível pois os avós desconheciam o funcionamento dos computadores e também não dispunham de nenhum exemplar. Citando os inquiridos: “eles não sabem brincar no computador, eu ensino-os, mas eles não conseguem carregar nos botões.”; “eles não têm computador, o meu pai tem mas não empresta, porque eles não sabem brincar”.

Uma das crianças referiu ainda que não jogava no computador, mas usava-o para estabelecer contacto com os avós, situação que está mais uma vez relacionada com a presença dos avós noutra país.

c) Dimensão Afectiva

Quadro nº18 - Distribuição dos Inquiridos segundo o significado dos avós

			QUAL A FINALIDADE DOS AVÓS?				
			PESSOAS QUE AJUDAM OS PAIS	NÃO RESPONDEU	PESSOAS QUE TOMAM CONTA DOS NETOS	PESSOAS QUE BRINCAM COM OS NETOS	Total
SABES O QUE SÃO OS AVÓS?	SIM	Nº	3	1	3	13	20
		%	13,0%	4,3%	13,0%	56,5%	87,0%
	NÃO	Nº	0	1	2	0	3
		%	,0%	4,3%	8,7%	,0%	13,0%
Total		Nº	3	2	5	13	23
		%	13,0%	8,7%	21,7%	56,5%	100,0%

“O meu pai diz que o avô é uma pessoa que vai tomar conta de mim até ser velhinho”
 (Resposta de um dos menores à questão: Qual a finalidade dos avós)

No âmbito das representações sociais, questionaram-se as crianças sobre a razão da existência dos avós.

Assim, segundo o quadro apresentado (ver quadro nº18) verificamos que 87% dos inquiridos afirma saber o que são os avós, face a 13% que responderam negativamente.

Não obstante a complexidade da questão, o investigador considerou ainda ser interessante, perceber, de acordo com os inquiridos, qual pensariam ser a finalidade dos avós.

Neste sentido, verifica-se que a maioria dos menores, mais concretamente 56,5% considera que os avós são “pessoas que existem para brincar com os netos”. Em número significativo surge também 21,7% de menores que afirma que os avós são “pessoas que tomam conta dos netos”.

As respostas avançadas anteriormente evidenciam uma grande relação com a realidade que os respectivos inquiridos devem vivenciar, isto é, existe uma vertente muito prática nas respostas dadas pelos menores, uma vez que é inevitável a associação às suas vivências.

Com menor número de respostas surge a categoria “pessoas que ajudam os pais”. No seguimento destes dados, destaca-se a seguinte citação: “ A minha mãe diz que o meu avô ajuda-a muito e por isso ele é muito importante”.

Por fim, verifica-se a existência de um menor que respondeu positivamente à questão, no entanto não conseguiu operacionalizar a sua ideia, facto que poderá estar relacionado com a sua idade e o seu quadro de desenvolvimento cognitivo.

Quadro nº19 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com a caracterização dos avós

	FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
COMO SÃO OS TEUS AVÓS?		
SIMPÁTICOS	6	26,1%
AMIGOS	2	8,7%
VELHOS	3	13,0%
QUERIDOS	7	30,4%
BEM – DISPOSTOS	4	17,4%
ATENCIOSOS	1	4,3%
TOTAL	23	100,0%

No decorrer do estudo, apresentámos aos inquiridos algumas imagens, de forma a tornar o questionário mais apelativo e menos enfadonho. Neste sentido, face a um dos desenhos apresentados (ver anexo nº9), solicitou-se aos inquiridos que caracterizassem os avós (quadro nº19), verificando-se que a nível geral, as respostas indicadas pelos menores focam-se muito nas características da própria relação e nos aspectos pessoais do avô, destacando-se três categorias, nomeadamente: “Queridos”, com 30,4% dos casos, “simpáticos” com 26,1% dos casos e “Bem – Dispostos” com 17,4% de casos.

Ainda no decorrer da análise do quadro, observa-se que 13% dos inquiridos caracterizou os avós como “velhos”, no entanto, não o fez de forma depreciativa, uma vez que se dirigiram a eles sempre com muito carinho, nomeadamente: “ A minha avó é muito velhinha, mas gosto muito dela, é uma querida”, outro menor referiu ainda “os meus avós são velhinhos, assim como estes”, fazendo referencia ao desenho (ver anexo nº10) que o investigador tinha facultado no dia anterior para colorirem.

A referir também a existência de duas crianças que, no seguimento de tudo o que os avós lhe fazem e dão, caracterizaram-nos como amigos. Citando um dos inquiridos: “os meus avós são meus amigos, porque sempre que se parte o bico de algum lápis, eles vão logo afiar”

Por fim, com apenas 4,3% de casos, verifica-se a situação de uma criança que descreve os seus avós como atenciosos, uma vez que, segundo o inquirido: “estes estão connosco sempre, a perguntar se está tudo bem e se quero comer ou beber um Compal”.

Importa referir que a análise geral do quadro, demonstra ainda que todas as categorias referidas pelos menores traduzem a existência de uma carga afectiva muito grande e de uma comum associação à vertente prática, isto é, as respostas indicadas pelos menores encontram-se inevitavelmente relacionadas com questões práticas do dia-a-dia e com a satisfação das suas necessidades, avaliando principalmente as relações e atitudes que os avós têm para com eles.

Quando nº 20 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com a razão pela qual considera que os seus avós são seus amigos

		FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
OS AVÓS SÃO AMIGOS PORQUE:	BRINCAM COMIGO/TOMAM CONTA DE MIM	13	56,5
	GOSTAM DE MIM	7	30,4
	DÃO-ME PRENDAS	3	13,0
	Total	23	100,0

No decorrer do estudo e através da observação não participante, o investigador verificou que a maioria das crianças apresentava ter como informação pré – concebida a ideia de que os avós são seus amigos. Atento a este facto, o investigador tentou perceber o que para as crianças era sinónimo de tal situação.

Assim, ao serem confrontadas com tal questão, (ver quadro nº20), as respostas dos inquiridos centraram-se em três categorias, nomeadamente: “Brincam comigo/Tomam conta de mim”; “Gostam de mim” e “Dão-me prendas”.

Mais de metade dos inquiridos considera que os avós são seus amigos porque brincam com eles e tomam conta deles, razão muito relatada e justificada apenas com base na dimensão lógica. Citando um dos inquiridos: “eles são meus amigos, quando vou lá para casa deles brincam comigo e quando a mãe quer ir ao cinema eles tomam conta de mim”.

Com um número significativo de casos, surge a segunda categoria: “gostam de mim”, ou seja, 30,4% dos inquiridos consideram que os avós são seus amigos pois demonstram afecto por eles. Tal como refere um dos inquiridos: “eles preocupam-se muito comigo e dizem sempre que gostam de me ver”.

Verifica-se nesta categoria, uma grande influência dos pais, uma vez estes surgem como principal razão para que os inquiridos acreditam nesta ideia, tal como refere uma criança: ” o meu pai diz que o avô é meu amigo porque gosta de mim”.

Por fim e relacionado com a questão mais prática da relação entre avós e netos (satisfação das suas necessidades básicas) surge a última categoria “dá-me prendas”, isto é, de acordo com o estágio de desenvolvimento em que estas crianças se encontram é normal que associem às ofertas que lhe fazem demonstrações de carinho e apreço.

Quadro nº21 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com as actividades que mais gostam de realizar com os avós

		FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
ACTIVIDADES QUE MAIS GOSTAS DE REALIZAR COM OS TEUS AVÓS?	BRINCAR	14	60,9%
	APRENDER	3	13,0%
	CONVERSAR	1	4,3%
	AJUDÁ - LO	5	21,7%
	Total	23	100,0%

Conscientes da importância que a realização de actividades livres tem para as crianças, questionámo-las acerca das actividades que mais gostam de realizar com os seus avós. (ver quadro nº21)

No seguimento desta questão, verificou-se que a maioria dos inquiridos tem como actividade de eleição: “brincar” com os seus avós, facto relacionado com a idade que estes apresentam.

Nesta categoria incluem-se diversas actividades: desde a elaboração de jogos de representação, à realização de passeios. Cita-se um dos inquiridos que ao elaborar um desenho do avô indicou: “estamos a sair para a rua, para irmos apanhar flores”. (ver anexo nº11)

Também com um número significativo de casos, destacam-se as crianças que referiram que o que mais gostam de fazer com os seus avós é prestar-lhes apoio, nomeadamente: na preparação das refeições; na limpeza do jardim; na arrumação da casa, entre outros.

A constatar estes factos, destaca-se o desenho de um dos menores, com a seguinte referência: “estamos a ir para a horta, vês isto aqui verde, são as couves que eu ajudo o avô a pôr”. (ver anexo nº12)

Por sua vez, verifica-se a existência de três crianças que referem como principal interesse: a aprendizagem que desenvolvem com os avós, nomeadamente o facto de aprender a: “rezar”, “cozinhar”, “desenhar”, “escrever e contar”, assim como aprenderem as respostas a questões existenciais e receberem a transmissão de valores morais. Neste e sentido, um dos inquiridos referiu: “o avô ensinou-me a mim e aos primos que as árvores existem para os animais terem comer” (anexo nº13)

A destacar ainda, a existência de um inquirido que respondeu que o que mais gostava de fazer com os seus avós era conversar, facto que poderá estar relacionado com a distância a que se encontra dos mesmos, como tal, esta é a principal e mais recorrente actividade que desempenha com eles.

Quando nº 22 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com a razão pela qual gostam dos seus avós

		FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
RAZÃO PELA QUAL GOSTAS DOS TEUS AVÓS?	SÃO MEUS AMIGOS	2	8,7
	TRATAM-ME BEM	8	34,8
	DÃO - ME PRENDAS	10	43,5
	BRINCAM CONTIGO	3	13,0
	Total	23	100,0

Ainda no âmbito das representações sociais apresentou-se um desenho aos inquiridos (ver anexo nº14), questionando-os sobre qual a razão para gostarem dos seus avós.

Após recolhidos os dados (ver quadro nº22), verifica-se que a maioria das respostas centram-se em duas categorias, nomeadamente: “dão-me prendas” e “tratam-se bem”.

Constata-se assim a existência de duas respostas muito distintas, uma vez que a primeira categoria (“dão-me prendas”) tem uma vertente mais prática e está relacionada principalmente com a satisfação de desejos menos básicos, como a oferta de brinquedos ou de chocolates.

Importa referir que esta é uma questão que possivelmente se altera com a idade, uma vez que no estudo realizado por Stella António verificava-se que apenas uma pequena percentagem de netos recorria aos avós para pedir ajuda material. (ANTÓNIO, 2010)

Por sua vez, a categoria “Tratam-se bem”, está maioritariamente relacionada com questões afectivas, sendo que a maioria dos menores refere: “são queridos para mim, dão-me beijos e abraços e tratam-me bem quando estou com eles”.

Com menor número de casos destacam-se as restantes categorias: “Brincam comigo” e “são meus amigos”.

Mais uma vez, verifica-se que estas categorias estão inevitavelmente associadas à realidade que é vivenciada pelos menores, assim como com a sua forma relativista de encarar todas as questões.

4.2.2 Idosos

A presente análise encontra-se dividida em quatro dimensões: Individual; Familiar; Comunitária e Pessoal.

a) Dimensão Individual

Quadro número 23 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com o Tempo de Permanência no Equipamento Social e a Razão da sua Vinda

			RAZÃO DA SUA VINDA PARA O LAR?			Total
			SOLIDÃO /AUSÊNCIA DE UM CUIDADOR	DOENÇA	EXAUSTÃO FAMILIAR	
A QUANTO TEMPO SE ENCONTRA NO LAR?	ATÉ A DOIS ANOS, INCLUSIVE	Nº	3	3	2	8
		%	23,1%	23,1%	15,4%	61,5%
	MAIS DE DOIS ANOS	Nº	5	0	0	5
		%	38,5%	,0%	,0%	38,5%
Total		Nº	8	3	2	13
		%	61,5%	23,1%	15,4%	100,0%

Segundo Mead “aqueles que personificam a mais longa extensão de cultura, que eram os modelos para os mais novos do que eles, cujo tom ou gesto mais subtil continha a aceitação de toda uma maneira de viver, eram poucos mas vigorosos”. (MEAD, 1970:40)

Todavia nos últimos anos verifica-se uma situação contrária, sendo que esses mesmo anciões passaram de poucos a muitos e de vigorosos a indefesos, facto que na maioria das vezes em conjunto com outras razões condiciona a família, levando-a a excluir (BARATA, 2010).

O aumento do número de anciões deveria ser sinónimo de uma aceitação /preocupação superior àquela verificada, no entanto tal como defende a autora Maria Fernandes “por vezes esta preocupação está de tal forma centrada na longevidade, no número, na quantidade, que fica para segundo plano a qualidade e o bem-estar enquanto se vive”. (FERNANDES, 1996:50)

Neste sentido, de acordo com o quadro apresentado (ver quadro nº23), verificamos que a maioria dos inquiridos representa casos de institucionalização recente, uma vez que a categoria “até 2 anos inclusive” é a que regista maior número de frequências. Esta informação, complementa os dados analisados anteriormente, ou seja, tendo em conta a média de idades e o estado de saúde dos utentes, constata-se mais uma vez que esta é das respostas sociais a que mais tardiamente se recorre.

Relativamente à razão da sua vinda para o lar, destacamos a categoria “solidão/ausência de um cuidador”, com 61,5% de casos.

Segundo Paúl, a solidão pode ser entendida como uma “condição emocional; uma experiencia subjectiva, relativa a uma situação vivenciada pela pessoa, quando há uma desagradável ou inaceitável falta de certas relações sociais ou relativamente à qualidade destas”. (PAÚL, 1997:83),

Curiosamente, tal como verificado na maioria dos estudos, também na nossa amostra esta questão se evidencia como um dos maiores problemas associado ao envelhecimento.

Provocada na sua maioria pela morte de um conjuge e / ou pela ausência de cuidadores, continua a ser encarada como uma realidade escondida, que gradualmente fomenta o distanciamento das redes sociais formais e informais, condenando o idoso a uma eutanásia social.

Ainda no decorrer da aplicação dos questionários verificou-se que a categoria “Doença”, foi referida muitas vezes como segunda opção, registando 23,1% de casos. Este facto poderá associar-se à primeira categoria (ausência de um cuidador) e também a outro problema muito verificado neste grupo: Ausência de Condições habitacionais, ou seja, a diminuição das capacidades físicas e das defesas do sistema imunitário, associado a uma habitação construída de origem e sem condições específicas para alguém com determinadas limitações, traduz o risco de pobreza a que este grupo está sujeito e poderá constituir um entrave à permanência do idoso na sua casa.

Por fim, e apesar de apresentar apenas um caso, destacamos a categoria “Exaustão Familiar”.

Tal como referido anteriormente, a generalização da ideia de que a família deverá ser um serviço de primeira linha, dificulta a identificação da exaustão familiar como motivo de institucionalização, quer para o idoso em questão, quer para o familiar. Contudo, o corropio que se vive diariamente dificulta a prestação de apoio por parte da família e aumenta a sobrecarga (burden) de que os cuidadores são alvo, sendo esta muitas vezes superior à pressão da sociedade e até mesmo ao desejo de cuidar.

Quadro número 24 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com a sua Entrada no Equipamento Social e a sua situação presente

			NO PRESENTE, ENCONTRA-SE SOZINHO?		TOTAL
			SIM	NÃO	
DEU ENTRADA NO EQUIPAMENTO SOCIAL SOZINHO?	SIM	Nº	11	0	11
		%	84,6%	,0%	84,6%
	NÃO	Nº	1	1	2
		%	7,7%	7,7%	15,4%
TOTAL		Nº	12	1	13
		%	92,3%	7,7%	100,0%

A distribuição da informação relativa à entrada do idoso no equipamento social (ver quadro nº24, permite-nos concluir que a maioria dos inquiridos deu entrada no lar sozinho, facto que vai de encontro com os dados analisados anteriormente, nomeadamente a idade avançada, a viuvez em maior número, assim como o motivo de institucionalização. Citando um dos inquiridos: “Sim, o meu companheiro já não estava entre nós e eu não tinha ninguém para estar comigo, nem conseguia ficar na minha casa, tive de vir.”

Destacamos o caso do inquirido que deu entrada no lar acompanhado, nomeadamente por uma filha com problemas cognitivos.

Quadro número 25 – Classificação do dia – a – dia no interior do Equipamento Social

		FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
COMO CLASSIFICA O SEU DIA – A - DIA	ACTIVO	2	15,4
	SEDENTÁRIO	11	84,6
	Total	13	100,0

Ainda no âmbito da permanência dos inquiridos no equipamento social (ver quadro nº25), solicitou-se que estes classificassem o seu dia – a - dia, verificando-se que a maioria da amostra considera-o “sedentário”. Entenda-se por sedentário, um dia rotineiro igual a todos os outros em que o convívio social é diminuto e em que as actividades dinâmicas são inexistentes. Relatos dos inquiridos revelam que os seus dias são “sempre iguais, não há nada de novo, nem nada engraçado para fazer”, limitando-se “a fazer as mesmas coisas todos os dias”, nomeadamente “levanto-me, tomo o pequeno – almoço, depois sento-me na cadeira e só me volto a levantar à hora do almoço”, ou seja, “passo os dias sentado a ver tv ou a conversar com aqueles que ainda estão bons.”

Estas informações evidenciam o estado de espírito da maioria dos inquiridos quanto à sua institucionalização. Citando um dos inquiridos: “estava habituado a conviver e agora não tenho ninguém”, ou seja, a ausência de convivência intra e extra equipamento social possibilita a solidão e marginalização. Tal como defende Maria João Pinto “ a solidão resulta a maioria das vezes de abandonos radicados no enfraquecimento do tecido familiar e dos laços afectivos, tudo caldeado por uma cultura hedonista e desresponsabilizada”. (PINTO, 2005:78)

Apesar de referido em menor número, destacamos a existência de dois inquiridos que avaliaram os seus dias como “activos”, referindo como principais actividades: participação em actividades lúdicas promovidas pelo lar (ex: ginástica e passeios); auxílio aos funcionários nas horas das refeições e deslocações à vila, mais concretamente ao centro de dia.

De frisar também, o facto de que muitos inquiridos estabelecerem inevitavelmente comparações com a forma como antes passavam os seus dias, quando se encontravam nas suas casas.

b) Dimensão Familiar

Quadro número 26 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com a existência de filhos e o número dos mesmos

			QUANTOS FILHOS TEM?		Total
			1	2	
TEM FILHOS?	SIM	Nº	10	3	13
		%	76,9%	23,1%	100,0%
Total		Nº	10	3	13
		%	76,9%	23,1%	100,0%

No decorrer da aplicação dos questionários constatamos que a totalidade dos inquiridos pertencia a um quadro familiar composto maioritariamente por família directa, nomeadamente: os seus filhos, netos, irmãos, assim como a referência a alguns sobrinhos.

Neste sentido, questionaram-se os idosos sobre a existência de filhos (ver quadro nº26), ao que a totalidade respondeu positivamente, verificando-se que na sua maioria tem apenas um único descendente.

Esta informação, por um lado contraria a ideia pré – concebida de que antigamente cada casal tinha um número elevado de filhos, por outro lado, confirma as estatísticas que demonstram que a dimensão médias das famílias portuguesas tem vindo a diminuir. (INE, 2001)

Quadro número 27 – Distribuição dos Inquiridos segundo a existência de netos

		FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
TEM NETOS?	SIM	11	84,6%
	NÃO	2	15,4%
	TOTAL	13	100,0%

Em relação à questão identificada no quadro nº27, verifica-se que de um universo de treze idosos, apenas dois respondem negativamente à questão, ou seja, 15,4% dos inquiridos não tem netos.

Todavia, manifestaram muita tristeza por tal situação, uma vez que associam a existência destes à continuidade da sua família e a um maior envolvimento e contacto familiar. Citando um dos inquiridos: “gostava tanto, assim depois o meu filho vinha sempre cá e eu podia estar com todos”.

Quadro número 28 – Distribuição dos Inquiridos segundo a quantidade de netos que têm e o Distrito de Residência destes

			ONDE MORAM OS SEUS NETOS?					Total	
			VIANA DO CASTELO	AVEIRO	COIMBRA	LISBOA	BEJA		FORA DO PAIS
QUANTOS NETOS TEM?	ATÉ 4	Nº	0	0	1	2	1	0	4
		%	,0%	,0%	9,1%	18,2%	9,1%	,0%	36,4%
	MAIS DE 4	Nº	1	1	0	4	0	1	7
		%	9,1%	9,1%	,0%	36,4%	,0%	9,1%	63,6%
Total		Nº	1	1	1	6	1	1	11
		%	9,1%	9,1%	9,1%	54,5%	9,1%	9,1%	100,0%

Ao observar o quadro nº28, verificamos que a categoria “mais de quatro”, regista o maior número de casos, realidade que poderá ser um factor de maior convivência intergeracional supondo-se que estes (os netos), quer por sua auto recriação, quer por imposição dos pais estabelecem um contacto mais frequente, traduzido num maior número de visitas.

Ao compararmos os resultados do presente quadro com os do quadro nº26, verificamos um dado curioso, que diz respeito ao número de filhos, alertando para a existência de alterações sociais, tal como defende Mead “o indivíduo que cresceu numa família nuclear em que há apenas a coação de duas gerações de primeiras expectativas, esse indivíduo sabe que o seu pai e a sua mãe diferem dos seus quatro avós e que os seus próprios filhos crescerão diferentes dele próprio”. (MEAD, 1970:114)

Após conhecimento e contagem do número de netos, considerou-se prudente perceber se a localização destes poderia contribuir para o contacto com os avós. Neste sentido, ao dividirmos o país por distritos verificamos que a maioria destes reside também no distrito de Lisboa, tal como os seus avós, logo esta proximidade residencial deveria ser um factor de promoção do número de visitas, tal como defendido pelo modelo da Solidariedade Intergeracional entre avós e netos, mais concretamente na Solidariedade Estrutural e tal como também verificado no estudo da autora Stella António. (ANTÓNIO, 2010)

Quadro número 29 – Distribuição dos inquiridos de acordo com a sua relação familiar

		FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
RELAÇÃO FAMILIAR	PRÓXIMA	11	84,6%
	SEM CONTACTO	2	15,4%
	Total	13	100,0%

Segundo Barata “ a sociedade cresceu de tal forma que fomenta a indiferença pelo alheio, dilui os laços de vizinhança, quebra os grupos e as relações de pertença”. Neste sentido, e tendo em conta o facto da nossa amostra se encontrar em situação de institucionalização pretendemos perceber qual o grau de relação que o inquirido mantém com a sua família (ver quadro nº29). (BARATA, 2010:241)

Assim, verificamos que 84,6% dos idosos avalia a sua relação familiar como próxima, classificando-a maioritariamente com base no afecto e apreço sentido e demonstrado por ambos e não com base no número de contactos estabelecidos. Tal como refere um inquirido: “não tenho nada a dizer do meu filho, nem da minha nora, tratam-me muito bem, não me deixam fazer nada. São muito bons para mim e quando podem vêm ver-me”.

A destacar a existência de dois inquiridos que indicaram não ter qualquer contacto com a família. Um dos inquiridos referiu: “são escolhas, eu não pude fazer a minha, mas eles puderam. É a vida”.

Quadro número 30 – Distribuição dos inquiridos de acordo com a existência de visitas exteriores

		FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
RECEBE VISITAS	NÃO	3	23,1%
	SIM	10	76,9%
	TOTAL	13	100,0%

Segundo Sampaio “ a colocação de idosos em lares, quer sejam de boa hotelaria ou simples depósitos degradados parte da mesma filosofia, entreter que já não tem grande valor”. Realidade que a verificar-se pode causar danos gravíssimos aos idosos, isto é, pretende-se que a família mantenha um apoio emocional aos seus familiares, através da sua presença. (SAMPAIO, 2008:62)

Neste sentido, foi perguntado aos idosos se recebiam visitas (ver quadro nº30), ao que cerca de 77% dos inquiridos respondeu positivamente, face a 23,1% que afirma não receber qualquer visita.

Este segundo grupo revela um misto de resignação e mágoa por tal situação e considera-se sozinho, fruto de um fenómeno de desfamiliarização, tornando-se como defende Mead “numa geração estranhamente isolada”. (MEAD, 1970:141)

Quadro número 31 – Distribuição das visitas de acordo com o elemento que as realiza e a frequência das mesmas

			FREQUENCIA DAS VISITAS?			Total
			SEMANAIS	MENSAIS	TRIMESTRAIS	
QUEM O VEM VISITAR?	ELEMENTOS FAMILIARES	Nº	0	5	1	6
		%	,0%	50,0%	10,0%	60,0%
	ELEMENTOS NÃO FAMILIARES	Nº	4	0	0	4
		%	40,0%	,0%	,0%	40,0%
Total		Nº	4	5	1	10
		%	40,0%	50,0%	10,0%	100,0%

Ao longo da aplicação dos questionários, os idosos identificaram dois grupos específicos de visitantes, nomeadamente: os elementos familiares (filhos, netos, irmãos, sobrinhos entre outros) e os elementos não familiares, tais como: os vizinhos e os amigos.

Curiosamente verifica-se que a maioria das visitas é realizada pelos elementos familiares, todavia este grupo é também quem mais espaça as visitas, vendo o familiar apenas uma vez por mês. Um dos inquiridos referiu mesmo que “gostava que viessem mais vezes, sempre desabafava”.

Ao questionar os responsáveis sobre o envolvimento dos familiares a nível das visitas, obtivemos a seguinte declaração: “Temos de tudo. Uns são assíduos, mas outros esquecem e pronto. É importante que percebam que são pessoas e que isto não é um armazém, a família tem de colaborar.” (Ver anexo nº15, questão nº4)

A segunda categoria, elementos não familiares, regista maior frequência nas visitas, verificando-se mesmo uma convivência semanal. Neste grupo, destacamos um inquirido que identificou como sua única visita: os amigos, referindo que “existem pessoas melhores que a própria família” demonstrando mágoa por tal como ele referiu: “me terem virado as costas sem eu merecer”

A responsável refere ainda que os utentes ficam tristes por não receberem visitas, reforçando a existência de casos em que os inquiridos “saem até à vila e lá encontram a família e não percebem como é que não podem vir cá” (anexo nº15, questão nº5)

Quadro número 32 – Distribuição dos inquiridos de acordo com a hipótese das visitas serem mais recorrentes

	FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
GOSTAVA QUE AS VISITAS FOSSEM MAIS FREQUENTES? NÃO	2	15,4%
SIM	7	53,8%
INDIFERENTE	4	30,8%
TOTAL	13	100,0%

No seguimento das questões anteriores, o grupo foi inquirido sobre a possibilidade das visitas serem mais recorrentes, constatou-se então que 53.8% dos inquiridos revelou que gostaria que os seus familiares/ amigos os visitassem mais vezes. Citando um dos inquiridos: “Gostava. Os meus sobrinhos já não vêm à tanto tempo. Custa-me não virem, porque alguns deles são como filhos. Mas dizem que não me posso queixar, pois sou a mais favorecida de visitas”.

Por sua vez, 30,8% dos idosos responderam que lhes seria indiferente, demonstrando alguma resignação quanto à situação vivenciada, referindo que “chega a uma altura na vida em que perdemos o amor à vida, se vierem vêm, se não vierem, não vêm”.

Por fim, 15,4% dos idosos responderam negativamente à questão, justificando que os seus familiares têm uma vida muito ocupada, logo não pretendem ser associados a mais um peso e um compromisso na vida destes. Citando um dos inquiridos, referindo-se ao filho: “ele tem a sua vida, eu mesmo digo para ele não vir, não quero que ele prejudique a sua vida”.

A responsável referiu ainda que sempre que realizam alguma actividade convidam os familiares “mas não vêm muitos” (anexo nº14, questão nº7)

Quadro número 33 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com a existência de visitas por parte dos netos

		FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
RECEBE VISITAS DOS SEUS NETOS?	NÃO	5	38,5%
	SIM	8	61,5%
	TOTAL	13	100,0%

No âmbito das Relações Intergeracionais questionamos os avós a cerca da existência de visitas por parte dos netos (ver quadro nº33), verificando-se que 61,5% responderam positivamente à questão, afirmando que os seus netos visitam-nos. Facto também verificado no estudo da autora Stella António, em que cerca de 79% dos inquiridos afirmava procurar os avós.

Tal como foi referido anteriormente importa frisar que estes contactos são na sua maioria promovidos pela segunda geração (os pais) que, através destes convívios e segundo Daniel Sampaio (2008:11) asseguram o futura da família permitindo a transmissão intergeracional da sua história, tornada presente pelos testemunhos dos avós”.

Quadro número 34 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com a frequência das visitas e a possibilidade destas serem mais recorrentes

			GOSTAVA QUE VIESSEM MAIS VEZES?		Total
			SIM	NÃO	
COM QUE FREQUENCIA?	MENSAIS	Nº	1	1	2
		%	12,5%	12,5%	25,0%
	TRIMESTRAIS	Nº	5	1	6
		%	62,5%	12,5%	75,0%
Total		Nº	6	2	8
		%	75,0%	25,0%	100,0%

Ao abordarmos os avós a cerca da frequência das visitas (ver quadro nº34), verificamos que a maioria destas (75%) é muito espaçada, acontecendo apenas de 3 em 3 meses, factor de alerta para o desaparecimento das Relações Intergeracionais, uma vez que após ter conhecimento do número de netos e da localização das mesmas seria de esperar que se verificasse uma maior frequência nas visitas.

Destacamos o facto de esta ser uma informação verificada também noutros estudos como por exemplo o da autora Stella António (2010), isto é, não obstante a existência de diversos factores de promoção das interações sociais, verifica-se que os contactos pessoais dos netos com os avós mantêm-se pouco recorrente.

Ao questionarmos os idosos sobre a possibilidades destas mesmas visitas serem mais frequentes a maioria do grupo respondeu positivamente. Citando um dos inquiridos: “se adorava, era o melhor que me podia acontecer, era aparecer aí hoje o meu filho com as minhas netas”.

Todavia verificamos também a existência de dois casos que responderam negativamente à questão, justificando com o facto do equipamento social não ser o sitio mais adequado para as crianças, nomeadamente: “não quero, ele ainda é novinho e não se sente bem aqui e eu também não”.

Quadro número 35 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com as actividades que realizam com os respectivos netos, durante a visita, e as actividades que gostariam de realizar

			QUE ACTIVIDADES GOSTAVA DE FAZER COM OS SEUS NETOS?			
			PASSEAR	CONVERSAR	BRINCAR	Total
ACTIVIDADES QUE FAZ COM O SEU NETO QUANDO ELE O VEM VISITAR?	CONVERSAR	Nº	2	1	2	5
		%	25,0%	12,5%	25,0%	62,5%
	BRINCAR	Nº	2	0	1	3
		%	25,0%	,0%	12,5%	37,5%
Total	Nº		4	1	3	8
	%		50,0%	12,5%	37,5%	100,0%

Segundo Daniel Sampaio “o colo, os beijos e os abraços criam uma relação de profunda afectividade, correspondente à qualificação de «estragar com mimos» ...”.(SAMPAIO, 2008:91)

Conscientes desta especificidade dos avós, pretendemos conhecer quais as principais actividades que estes avós realizavam com os seus netos, no decorrer das visitas (ver quadro nº35).

Ao aplicar a seguinte questão, verificou-se que os idosos apenas indicavam duas respostas tipo, dando origem às duas categorias indicadas.

Destaca-se a primeira categoria “ Conversar” com 62.5% de respostas. O investigador considera que esta maioria, pode estar relacionada com o facto de as visitas decorrerem no interior da resposta social, muitas vezes na presença de outros utentes, condicionando os intervenientes da relação, quer os idosos pois consideram não dispor do espaço apropriado para desempenhar outras actividades com os netos, quer as crianças, que desconhecem o espaço e não o associam às zonas de lazer a que estão acostumados.

Por sua vez, ao serem questionados sobre a possibilidade de realizar outras actividades averiguamos que as categorias que registam maior número de casos foram: “Passear” e “Brincar”.

Importa reflectir sobre o facto das actividades mais desejadas se encontrarem de alguma forma relacionados com o exterior, isto é, existe uma associação automática entre os netos e a passada juventude dos avós, tendendo estes a querer realizar actividades mais activas que satisfaçam os netos e que lhes recordem a razão de viver actualizando as suas memórias. (SAMPAIO, 2008)

Quadro número 36 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com o contacto que estes estabelecem com a família, mais especificamente com os netos, durante o tempo em que não têm visitas

			E COM OS SEUS NETOS?		TOTAL
			NÃO	SIM	
DURANTE O TEMPO QUE NÃO TEM VISITAS, MANTEM CONTACTO COM A SUA FAMILIA?	NÃO	Nº	8	0	8
		%	61,5%	,0%	61,5%
	SIM	Nº	2	3	5
		%	15,4%	23,1%	38,5%
Total		Nº	10	3	13
		%	76,9%	23,1%	100,0%

Como defende Barata “observa-se a desintegração das instâncias de socialização e conseqüente desaparecimento de valores como a solidariedade, justiça, entreatajuda, liberdade”, realidade verificada muitas vezes na ausência de convivência Intergeracional, nomeadamente na ausência de contacto familiar. (BARATA, 2010:241)

Assim, questionaram-se os inquiridos sobre se mantinham contacto com a família durante o período em que não recebem visitas, verificando-se que a maioria dos inquiridos, cerca de 61,5%, não mantém contacto com a família, dados muito diferentes dos alcançados no estudo de Stella António. (ANTÓNIO, 2010)

No que diz respeito ao contacto com os netos, constatamos que este ainda é mais diminuto, facto frequentemente justificado com a inexistência de um telefone público no equipamento social, que lhes permita fazer chamadas para o exterior. Citando um dos inquiridos: “não tenho o número de telemóvel de ninguém, só a minha filha é que me liga. Tenho pena de ser assim, de não serem unidos”; um dos inquiridos referiu ainda que: “ontem o meu filho fez anos, eu lembrei-me mas não tenho como lhe ligar”.

Por sua vez, dos 38,5% de inquiridos que mantém contacto com a família, destacamos uma maior percentagem que fala com os netos, referindo que esta situação só é possível pois dispõem de um telemóvel particular.

Quadro número 37 – Qual a frequência do contacto que estabelece com os seus netos?

			COM QUE FREQUÊNCIA?		TOTAL
			UMA VEZ POR SEMANA	DUAS VEZES POR SEMANA	
E COM OS SEUS NETOS?	SIM	Nº	1	2	3
		%	33,3%	66,7%	100,0%
TOTAL		Nº	1	2	3
		%	33,3%	66,7%	100,0%

Focando-nos no quadro nº37 constatamos que aqueles idosos que responderam positivamente à questão anterior, mantêm um contacto semanal com os seus netos, alternando entre

uma a duas vezes por semana. Importa referir, que estes utentes dispõem de um telemóvel particular, que lhes possibilita realizar e receber chamadas dos seus familiares, um deles refere mesmo que adquiriu o telemóvel só com o propósito de falar com uma neta.

A destacar ainda a importância que a segunda geração (os pais) representam nesta situação, uma vez que estimulam esse contacto, tal como refere um dos inquiridos: “desligam e depois dizem sempre que o meu netinho quer falar e passam-lhe o telefone”.

Quadro número 38 – Gostava de passar mais tempo com os seus netos?

		FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
GOSTAVA DE PASSAR MAIS TEMPO COM OS SEUS NETOS?	SIM	9	69,2
	NÃO	4	30,8
	Total	13	100,0

Reconhecidos pelo especial facto de disporem de uma disponibilidade total e continuada (SAMPAIO, 2008), para com os seus netos, temos conhecimento que é do seu agrado que ocupam todo o seu tempo com os mesmos, logo ao confrontarmos os inquiridos com a hipótese de passar mais tempo com os seus netos, 69,2% respondeu positivamente. A constatar estes dados, destaca-se a seguinte resposta: “gostava, quem não gostava? Adorava. Podia brincar com ele e torná-lo a ele e a mim felizes”.

Curiosamente, 30,8% respondeu que não gostava de passar mais tempo com eles, referindo que “eles têm sempre que fazer, já não me ligam”.

Quadro número 39 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com a opção entre continuar institucionalizado ou viver com os respectivos filhos

		FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
PREFERIA VIVER NA CASA DOS SEUS FILHOS?	SIM	5	38,5%
	NÃO	8	61,5%
	TOTAL	13	100,0%

Tendo em conta todo o estigma associado à institucionalização, questionou-se os inquiridos sobre a hipótese de abandonar a resposta social para viver na casa dos seus filhos (ver quadro nº39), ao que a maioria destes respondeu negativamente, justificando com o facto de que não queriam representar um peso para os seus familiares e que como não existia ninguém disponível para os receber e cuidar iriam acabar por passar os dias sozinhos.

Como respostas à questão, um dos inquiridos referiu ainda que: “o lugar dos idosos é no lar, não é em casa a prender os mais novos”. Estas respostas demonstram uma consciencialização da suposta perda de valor e uma auto-aceitação do pseudo-peso que representam (MEAD, 1970)

Por sua vez, 38,5% dos inquiridos demonstrou todo o interesse e vontade em ir viver para a casa dos seus descendentes. Citando um dos inquiridos: “Gostava mais de viver com eles, sempre os via todos os dias e podia ajudá-los”.

c) Dimensão Comunitária

Quadro número 40 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com a identificação das situações em que sai do Equipamento Social

		FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
MOTIVOS PELOS QUAIS SAI DO LAR	MOTIVOS DE DOENÇA	4	30,8
	ACTIVIDADES LÚDICAS	9	69,2
	Total	13	100,0

Sabendo que muitas vezes a institucionalização compromete a convivência social, considerou-se prudente compreender em que situações e com que finalidade os inquiridos se ausentam do lar.

Neste sentido, as respostas dos idosos focaram-se em duas razões: Motivos de Doença e Actividades Lúdicas, verificando-se que a maioria destes, mais concretamente 69,2%, sai do lar apenas para participar em actividades lúdicas, nomeadamente passeios, desenvolvidas pelo equipamento social.

Em relação às saídas por motivos de saúde, a responsável do lar refere que tentam pressionar os familiares a colaborarem e acompanharem os seus idosos às consultas, pois “estes sentem-se mais à vontade com a família do que conosco”. (Ver anexo nº15, questão nº4)

Quadro número 41 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com a ida à casa dos filhos

		FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
VISITA OS SEUS FILHOS?	NÃO	3	23,1%
	SIM	10	76,9%
	TOTAL	13	100,0%

Questionados em relação ao facto de se deslocarem ao exterior apenas para visitar os seus familiares, verifica-se que cerca de 77% dos inquiridos tem por hábito conviver com os filhos nas suas respectivas casas (ver quadro nº41).

A destacar o facto destas visitas apenas se realizarem por decisão dos familiares, ou seja, nenhum dos idosos sai e visita os filhos por sua vontade pois não dispõe de condições nem capacidades para o fazer, estando limitados à disponibilidade e vontade dos descendentes.

Em relação aos 23,1% de respostas negativas, confrontámo-nos com um dos inquiridos que respondeu: “Não quero ir visitá-los. Estou aqui bem, estou resolvido. Nós penduramo-nos muito e não tem de ser assim”.

Quadro número 42 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com as razões das visitas à casa dos familiares

		FREQUENCIA	PERCENTAGEM
RAZÕES PELAS QUAIS VISITA OS SEUS FAMILIARES	ÉPOCAS FESTIVAS/SITUAÇÕES DE COMEMORAÇÃO	7	53,8
	VISITAS DE ROTINA	3	23,1
	Total	10	76,9
NÃO VISITA		3	23,1
Total		13	100,0

Ainda em relação a estas visitas, questionaram-se os inquiridos sobre em que contexto se realizavam (ver quadro nº42), verificando que dos dez inquiridos que responderam positivamente à questão, 53,8% apenas visita os filhos em Épocas Festivas / Situações de Comemoração, como o Natal ou a Páscoa, ou ainda o casamento de algum familiar ou o aniversário de algum filho/neto.

Constata-se ainda, o triste facto que as visitas de rotina, a dita visita mais frequente e sem a necessidade de ter uma razão verifica-se em menor número (23,1%).

Importa referir que estas saídas são dotadas de uma grande incerteza, ou seja, não é algo certo, tal como referiu um idoso em relação à sua ida a casa no Natal, “vamos lá ver se me vêm buscar”, ou seja, a segunda geração (os filhos) adoptando um “modelo de comportamento e de estilo de vida eminentemente individualista” dispõe de todo o poder no que diz respeito a esta situação decidindo se essas visitas se realizam e com que frequência acontecem. (BARATA, 2010:240)

Quadro nº43 - Considera que o seu dia – a – dia seria diferente se vivesse na casa dos seus filhos?

		FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
CONSIDERA QUE O SEU DIA – A – DIA SERIA DIFERENTE?	SIM	4	30,8%
	NÃO	6	46,2%
	NÃO COLOCO ESSA HIPÓTESE	3	23,1%
	TOTAL	13	100,0%

De acordo com o quadro acima apresentado, questionou-se o grupo se considerava que o seu dia poderia ser diferente se passado em casa dos seus filhos (ver quadro nº43), ao que a maioria dos inquiridos respondeu negativamente, justificando que dado o seu estado de saúde e a vida ocupada dos seus filhos, provavelmente iriam estar muito tempo sozinhos.

A destacar também os 30,8% de inquiridos que responderam positivamente, considerando que a sua vida seria muito diferente, se vivida na casa dos seus descendentes, nomeadamente e citando um dos inquiridos: “convivia com eles, via os vizinhos, fazia a minha vida como uma pessoa normal”.

d) Dimensão Pessoal

Quadro nº44 - Distribuição dos Inquiridos de acordo com a Idade e o seu maior Medo

			DO QUE TEM MAIS MEDO?			Total
			MORRER	NADA	FICAR DEMENTE	
IDADE DO IDOSO	65 - 69	Nº	1	0	0	1
		%	7,7%	,0%	,0%	7,7%
	75 - 79	Nº	1	1	0	2
		%	7,7%	7,7%	,0%	15,4%
	80 - 84	Nº	3	1	3	7
		%	23,1%	7,7%	23,1%	53,8%
	+ de 90	Nº	2	0	1	3
		%	15,4%	,0%	7,7%	23,1%
Total		Nº	7	2	4	13
		%	53,8%	15,4%	30,8%	100,0%

Tal como foi referido anteriormente, o amadurecimento da vida traz consigo inúmeras transformações físicas, psíquicas e sociais que na maioria das vezes fazem emergir: resistências, negações e medos.

A adaptação a esta nova fase da vida, nem sempre é fácil o que propicia o surgimento de quadros depressivos.

De acordo com a informação acima apresentada, questionaram-se os idosos sobre qual seria o seu principal medo (ver quadro nº44), verificando-se que a categoria “morrer” registou maior número de casos. Consta-se que o grupo associa à morte um sentido negativo, como o fim, o castigo ou a separação.

Com 30,8% de casos, surge o segundo maior medo, a “demência”, ou seja, a perda de autonomia psíquica, tal como refere um dos inquiridos:” Não quero perder a minha cabeça, quero conhecer-me a mim e aos meus”.

Por sua vez, 15,4% dos idosos indicou que já não têm medo de nada, associando a idade à experiência de vida. No âmbito desta questão destacam-se duas respostas: “A idade que tenho faz com que não tenha medo de nada”; “Desde que perdi um filho não tenho medo de nada”, isto é, a vivência que apresenta torna-os destemidos, considerando mesmo que já nada os pode assustar, pois já viveu o pior.

A destacar também, o facto de os dois maiores medos aumentarem consoante o avançar da idade, ou seja, conforme a idade aumenta as pessoas vão ficando mais vigilantes à possibilidade de perder as suas capacidades e até a sua vida.

Gostaríamos de referir que apesar da maioria dos inquiridos ter respondido que o seu maior medo seria a morte, ao longo da aplicação dos questionários e com base na observação participante e não participante constatamos que o que na verdade estes mais temem é o isolamento, a solidão, a demência e a perda de autonomia.

Quadro nº 45 - Distribuição dos Inquiridos de acordo com a Idade e o seu maior Desejo

			O QUE MAIS GOSTAVA?			Total
			MORRER	VOLTAR A TRABALHAR	VOLTAR A VIVER COM A MINHA FAMÍLIA	
IDADE DO IDOSO (A)	65 - 69	Nº	0	1	0	1
		%	,0%	7,7%	,0%	7,7%
75 - 79	Nº	2	0	0	0	2
	%	15,4%	,0%	,0%	15,4%	
80 - 84	Nº	1	2	3	6	
	%	7,7%	15,4%	23,1%	46,2%	
+ DE 90	Nº	1	1	0	2	
	%	7,7%	7,7%	,0%	15,4%	
NAO SABE PRECISAR	Nº	0	0	2	2	
	%	,0%	,0%	15,4%	15,4%	
TOTAL	Nº	4	4	5	13	
	%	30,8%	30,8%	38,5%	100,0%	

Em relação aos maiores desejos dos idosos questionados (ver quadro nº45), constata-se que a maioria dos inquiridos, gostaria de voltar a viver com a sua família denotando-se um forte apego aos elementos que constituem o seu núcleo familiar.

Com a mesma percentagem apresentam-se os dois segundos maiores desejos referidos pelos inquiridos: a morte e o trabalho.

Cerca de 30% dos idosos deseja morrer, facto que apesar de chocante pode-se compreender pelas características depressivas que alguns deles apresentavam, assim como pelo cansaço e pela sensação de realização existencial que interiorizavam.

Tal como verificamos anteriormente, as pessoas de idade atribuem à morte sentidos diferentes, neste caso esta é encarada como amiga, pois põe fim ao sofrimento e à solidão, resultante muitas vezes das situações vivenciadas, tal como defende Mead ao referir que: “logo que os velhos se tornam um fardo, uma ameaça à sobrevivência dos novos, os próprios preferem morrer” (MEAD, 1970:105).

Os restantes 30,8% de inquiridos referem que o seu maior desejo prende-se com a possibilidade de voltar a trabalhar e claramente com a necessidade de se voltarem a sentir úteis e capazes.

CAPÍTULO 5 – CONCLUSÕES

O modo como a sociedade tem encarado o fenómeno das Relações Intergeracionais tem-se alterado, tanto a nível Nacional como a nível Mundial. Inevitavelmente associado a factores de ordem política, social, económica, cultural, jurídica e científica, tem sido alvo de uma atenção redobrada nos últimos anos, tornando-se num assunto de máxima importância.

Os laços que se estabelecem entre os avós e os netos, não resultam de uma simples reacção física, mas sim de um contacto envolto em preocupação, atenção, amor e partilha, daí que esta relação seja parte integrante e marcante no crescimento dos netos e no amadurecimento dos avós.

Resultante de inúmeras alterações sociais e familiares, o seu acentuado desvanecimento, transformou-se numa nova e constante preocupação.

Apesar das políticas públicas para as pessoas idosas, e por consequência para as Relações Intergeracionais, apresentarem nos últimos anos, uma evolução substantiva, verificamos que estas são ainda muito centradas na resolução do problema que está instalado e não na prevenção de situações de desfamiliarização, assim como na promoção do dito envolvimento familiar.

Conclusões:

Respostas sociais

- As respostas sociais em questão (Infantário e Lar) encontram-se adaptadas às especificidades de cada grupo alvo, dispondo de condições físicas e ambientais para os acolher e integrar na vida institucional.
- Valorizam a realização de actividades orientadas, sobretudo, para o desenvolvimento de competências de socialização e de promoção de autonomia dos utentes, tanto a nível pessoal como comunitário.
- Envolvem todos os funcionários que lá desempenham funções, criando um corpo de pessoal coeso e activamente participativo em projectos que fomentem a melhoria da qualidade de vida dos utentes.

- Elaboram e acreditam na importância da realização de actividades lúdicas que promovam a participação dos respectivos familiares assim como a interacção entre os utentes de cada uma das respostas sociais.
- Revelam transparência no cuidado prestado aos utentes assim como interesse e disponibilidade para conhecer e darem-se a conhecer às respectivas famílias.

Crianças /Netos

- Relativamente às crianças, constata-se que apesar da maioria pertencer a famílias de reduzida dimensão, caracterizadas pela ausência constante dos avós, revelam ter uma noção de família alargada, assim como um conhecimento acentuado acerca da existência, identificação e relação de laços de fraternidade para com os avós.
- Relacionam a proximidade física ao contacto / convivência que estabelecem com os avós, verificando-se que face à diminuição da distância entre residências, aumenta o número de visitas entre os elementos.
- Associam e caracterizam os avós, com base em aspectos pessoais dos mesmos, na sua totalidade positivos. Constata-se que os respectivos pais desempenham um papel muito importante na transmissão de valores, originando nas crianças sentimentos de ternura para com os avós.
- Permanência de aspectos tradicionalistas nas relações intergeracionais, principalmente no que diz respeito às actividades que os elementos desenvolvem em conjunto. Destaca-se a supremacia das diversões ditas tradicionais face às informáticas, constatando-se uma frágil ligação destes idosos com os computadores e todas as questões inerentes aos mesmos. De frisar que este será um aspecto que gradualmente terá tendência a desvanecer, uma vez que os avós cada vez mais vão experienciando estas novas tecnologias, muitos deles primariamente com os netos, tal como verificado no estudo.
- Frágil envolvimento escolar justificado pela indisponibilidade e distanciamento físico dos avós, verificando-se que a rotina escolar em que os avós despendiam de tempo para levar e buscar os netos à escola desvanece progressivamente.
- Revela-se por parte das crianças um grande carinho para com os avós e um grande desejo em partilhar com eles mais momentos, sejam comemorativos, sejam comuns do dia-a-dia.

Facto que nos permite depreender que estes, enquanto parte integrante da relação intergeracional, apresentam-se como um agente activo e empreendedor da troca geracional.

- Verifica-se a existência de uma relação, entre estas crianças e os seus avós, mediada pela segunda geração (os pais), facto que alerta para a consciencialização, por parte dos progenitores, da importância das relações intergeracionais, traduzida na promoção do envolvimento e contacto com os avós através da realização de visitas.
- Foi possível observar que as famílias das respectivas crianças, nomeadamente os pais, funcionam como um recurso do infantário, colaborando nas actividades e possibilitando à criança atingir mais facilmente os objectivos. Por sua vez, verifica-se que os avós ocupam um lugar com menor destaque, no entanto, apresentam disponibilidade para colaborar esporadicamente com o equipamento social.

Idosos / Avós

- Relativamente aos idosos, constata-se que apesar de serem na sua maioria casos de institucionalização recente verifica-se a existência de laços familiares muito frágeis. Envolto em situações de solidão, agravadas pela idade avançada e pela debilidade física e psíquica dos mesmos, demonstram resignação face à situação vivenciada.
- A nível geral, apresentam uma real consciência do peso que supostamente representam para a família e como tal auto-excluem-se da vida familiar e da vida comunitária, facto que na maioria das vezes, contribui para quadros depressivos.
- Verifica-se existir um elevado grau de distanciamento entre estes idosos e as suas famílias, provocado pela institucionalização dos mesmos. Deparamo-nos com um corte repentino dos laços de afectividade, traduzido na diminuição ou ausência de contacto presencial e não presencial. Associam-se as visitas familiares apenas a situações de comemoração, na maior parte das vezes de carácter incerto.
- Apresentam quadros depressivos face à marginalização de que são alvo, encontrando como refúgio e solução para todos os seus problemas, a possibilidade de voltarem a viver com a sua família. Encarada como principal desejo, revela a presença de uma grande carga afectiva e a ausência de qualquer sentimento de revolta ou remorsos para com os seus descendentes. De frisar o facto de associarem constantemente esta situação a um aumento da sua qualidade de vida e como tal a uma diminuição das suas debilidades.

- Constata-se que a existência de uma proximidade física, entre estes avós e os seus netos, traduzida pelo facto de residirem relativamente perto do equipamento social, não funciona como sinónimo de um aumento do contacto intergeracional seja presencial ou não presencial. O grau de distanciamento verificado entre estes avós e os seus netos revela valores ainda superiores àqueles verificados entre os idosos e os seus filhos. Depreende-se que a família se encontra menos alerta quanto à importância do convívio intergeracional, ou por sua vez, os netos não “educados” na altura certa demonstram no presente grande indiferença por este convívio.
- Verifica-se que a família dos respectivos idosos, não funciona como recurso do lar, ou seja, não existe muita colaboração das famílias, facto que dificulta muitas vezes a integração / permanência dos utentes, pois esta não é realizada de forma gradual, mas sim repentina.

Em suma, verificam-se situações muito distintas quando avaliamos as relações existentes entre as crianças que frequentam o equipamento social e os respectivos avós, e as relações entre os idosos que frequentam o lar e os respectivos netos.

O nível de acolhimento e envolvimento familiar (contacto intergeracional) diverge de elemento para elemento. As crianças, tal como referido no início do trabalho mantêm um lugar de destaque e permanecem como peça fundamental na família, por sua vez, os idosos actualmente são encarados como um fardo, sendo remetidos para segundo plano.

O afastamento intergeracional, fomentado na maioria das vezes pela própria família remete as crianças a um limitado conhecimento intergeracional e condena os idosos a uma eutanásia social.

Constata-se que o desejo por parte dos avós em estabelecer contacto com os netos é contínuo e igual independentemente da fase da vida em que se encontrem, por sua vez, os netos revelam uma posição diferente, quando alcançando uma certa idade tendem a afastar-se dos seus avós, daí que se considere crucial educar para as relações intergeracionais, para que este fenómeno não desvaneça e acompanhe os dois agentes ao longo da sua vida.

Recomendações:

De acordo com o estudo realizado e com as conclusões alcançadas, consideramos que urge educar para as relações intergeracionais, criando momentos de interação social entre os netos e os avós e promovendo políticas de prevenção e inclusão.

Convicto de que este é um problema social que necessita de maior visibilidade, o estado tem vindo a realizar vários esforços neste sentido, todavia ainda se encontra muito caminho por trilhar.

De acordo com todo o processo vigente nas trocas sociais, estruturamos as nossas recomendações centradas em três grupos que consideramos terem um papel de destaque nas Relações Intergeracionais: Comunidade, Família e Equipamentos Sociais.

Comunidade

Prevenir o aumento de situações de afastamento familiar, com base na aposta no investimento social e na integração de preocupações familiares e sociais nas políticas, de forma a promover a qualidade de vida assim como impulsionar medidas de política activa e de cooperação entre os diferentes serviços, diminuindo a presente décalage geracional

Proteger os dois grupos envolvidos nas trocas intergeracionais, através do aumento da prestação de apoios instrumentais, nomeadamente o reforço da rede de serviços existentes, com base em quadros e normas sociais que sigam as orientações europeias face às políticas desta área.

Integrar os grupos mais desfavorecidos, criando condições para a participação destes na vida social e profissional, como forma de promover a protecção, a inclusão e a solidariedade social.

Família

Reforçar o sentimento de pertença privilegiando as relações intrafamiliares e respeitando as dinâmicas individuais de todos os membros do núcleo.

Incutir a participação de todos, educando e capacitando os mais novos para as relações intergeracionais, reabilitando e revalorizando as questões pessoais, sociais e profissionais de cada elemento.

Incentivar, apoiar e acompanhar os seus membros mais frágeis, entendendo que é o primeiro agente do processo de mudança, mediação e concertação para a existência de interações sociais no grupo.

Respostas sociais

Modernizar todo o processo de institucionalização, através da implementação de novos parâmetros e de uma política de funcionamento mais qualitativa, agilizando a integração e permanência dos utentes.

Incluir os utentes, família e as restantes respostas sociais (ex. infantários ou lares) como parceiros na promoção do bem – estar e qualidade de vida, através da realização de actividade que promovam a presença e o envolvimento com os respectivos utentes.

Cooperar com a comunidade, o estado e a família tornando-se, mais flexível quanto ao funcionamento da entidade e cooperativa na implementação das medidas aprovadas superiormente.

Em suma, o desvanecimento das relações intergeracionais tornou-se num problema social, tanto pelo seu desaparecimento como pelas consequências que dele derivam e se fazem sentir a nível social.

Urge actuar em várias frentes, incentivando a promoção de políticas de inclusão e promoção que contribuam para a “formação” de uma nova sociedade consciente e disponível física e psicologicamente ao contacto e envolvimento geracional.

- AMARO, Fausto, (2006), *Introdução à sociologia da Família*, Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade Técnica de Lisboa

- ANTÓNIO, Stella, (2001), “*Problemas Demográficos*”, in Hermano Carmo, Problemas Sociais Contemporâneos, Lisboa: Universidade Aberta,

- ANTÓNIO, Stella, (2007), *A matrilinearidade das relações intergeracionais: A perspectiva dos netos*, Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas - Universidade Técnica de Lisboa

- ANTÓNIO, Stella, (2010), *Avós e netos: Relações intergeracionais, A matrilinearidade dos Afectos*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais e Políticas

- ALARCÃO, Manuela, (2006), (Des)equilíbrios familiares, Coimbra: Quarteto

- ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE APOIO À VITIMA, *Manual Títono. Para o atendimento de pessoas idosas vítimas de crime*, Lisboa: APAV

- BARATA, Óscar Soares, (1998), *Política Social 1998*, Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas - Universidade Técnica de Lisboa

- BARATA, Óscar Soares (1994), *Introdução às Ciências Sociais – Volume 1*, 8ª Edição, Colecção Ciências Sociais e Humana, Venda Nova: Ed. Bertrand

- BARATA, Óscar Soares (coord), (2010), *Política social e sociologia*, Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade Técnica de Lisboa

- BARBOSA, M. A. & Queirós, I. M, (2004), *Natureza e qualidade das relações avós-netos. Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*, Vol X, Braga: Psiquilíbrios

- BARRETO, António (org.), (1996), *A Situação Social em Portugal 1960-1995*, Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade Técnica de Lisboa

- BEDARD, Nicole, (1998), *Como interpretar os desenhos das crianças*, Editora ISIS

- BRITES, Rui, (2008), *Sebenta: Análise de dados com SPSS – Licenciatura em Serviço Social*, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa e Faculdade de Ciências Humanas

- CAEIRO, Joaquim Croca, (2008), *Políticas públicas, Política Social e Estado Providência*, Lisboa: Universidade Lusíada Editora

- CARDOSO, Iria, Enciclopédia Editorial Verbo Luso – Brasileira de Cultura, volume - XXIV
- CARMO, Hermano, (2000), *Intervenção social com grupos*, Lisboa: Universidade Aberta
- CARMO, Hermano (org.), (1996), *Exclusão Social: Rotas de Intervenção*, Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade Técnica de Lisboa
- CARMO, Hermano, FERREIRA, Manuela Malheiro (1998), *Metodologia da Investigação – Guia para Auto-Aprendizagem*, Lisboa: Universidade Aberta
- CARMO, Hermano (1999), *Desenvolvimento Comunitário*, Lisboa: Universidade Aberta
- CARVALHO, Helena, CALAPEZ, Teresa, (2004), *Preparação de uma base de dados por via do SPSS*, Lisboa: Giesta/ISCTE
- CASANOVA, José; ALVARENGA, Filipa; MATOS, Gisela; LUCAS, Joana (2001), *Quadros Sociais de Envelhecimento*, Lisboa: Santa Casa da Misericórdia
- CID, (2006), *Manual de boas práticas – Um guia para o acolhimento residencial das pessoas mais velhas*, Lisboa: Instituto da Segurança Social
- *CÓDIGO PENAL PORTUGUÊS* – versão de 4 de Setembro de 2007, Lisboa: Dislivro
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA (2002), *Constituição da República Portuguesa, de acordo com a Revisão de 2001*, Lisboa: Quid Juris – Sociedade Editora
- *CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA*, Instituto da Segurança Social, I.P, Lisboa
- COSTA, Alfredo Bruto da, (2005), *Exclusões Sociais*, 5ª Ed, Lisboa: Gradiva
- ECO, Humberto, (2005), *Como se faz uma tese em ciências Humanas*, 12ª Edição, Barcarena: Editorial Presença
- FELDAM, Robert S. (2003), *Compreender a Psicologia*, Lisboa: McGraw – Hill
- FERNANDES, Maria João Rodrigues de Sousa, (1996), *Conceito de qualidade de vida para o idoso*, Lisboa, s/ edição
- FERLAND, F. (2006), *Os avós nos dias de hoje*, Lisboa: Climepsi Editores

- FNUAP., (1998), *A situação da população mundial 1998: as novas gerações*, New York
- GIDDENS, Anthony, (2000), *Sociologia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- GOMES, Maria do Carmo, (2006), *Literexclusão na vida quotidiana*, Sociologia, Problemas e Práticas
- INE (2000), *Anuário Estatístico Região Lisboa e Vale do Tejo*, Coimbra: INE
- INE (2001), *Censos 2001: Resultados Definitivos: XIV Recenseamento Geral da População, IV Recenseamento Geral da Habitação*, 1º volume, Lisboa: INE
- INE (2001), *Censos 2001: Resultados Definitivos: XIV Recenseamento Geral da População, IV Recenseamento Geral da Habitação*, 4º volume, Lisboa: INE
- INE (2000), *Anuário Estatístico Região Lisboa e Vale do Tejo*, Coimbra: INE
- INE (2005), *Anuário Estatístico Região Lisboa e Vale do Tejo*, Lisboa: INE
- INE (2001), *Censos 2001: Resultados Definitivos: XIV Recenseamento Geral da População, IV Recenseamento Geral da Habitação*, 1º volume, Lisboa: INE
- INE (2001), *Censos 2001: Resultados Definitivos: XIV Recenseamento Geral da População, IV Recenseamento Geral da Habitação*, 4º volume, Lisboa: INE
- ISAMBERT, Fernande, (1974), *Avós modernos: a educação dos netos*, Lisboa: Europa-América
- JACOB, Luís, (2001), *Os serviços para os idosos em Portugal*, Dissertação de Mestrado, Lisboa: ISCTE
- JOHNSON, Brenda, (2002), *Revista pretextos, Ministério da Segurança Social e do Trabalho*, nº11, Junho 2002
- KIENTZ, Annette, (1983), *As insubstituíveis avós*, Lisboa: Dom Quixote
- KORNHABER, A. (1996). *Contemporary Grandparenting*. London: Sage.

- LABORATÓRIOS PFIZER, *Alzheimer na Família – Guia prático*, Belgráfica, 2ª edição
- LIMA, Margarida, (2006), *Posso participar? Actividades de desenvolvimento pessoal para Idosos*, Porto: Ambar
- MACHADO, Paulo, (2005), *Os idosos na cidade e a cidade envelhecida*, Laboratório Nacional de Engenharia Civil
- MADEIRA, Maria, (1996), *Políticas e Medidas de Combate à Exclusão Social*, Lisboa: Instituto da Segurança Social – Direcção Geral da Acção Social
- MADEIRA, Maria, (1996), *A Família e a Protecção Social*, Lisboa: Instituto da Segurança Social - Direcção Geral da Acção Social
- MADEIRA, Maria, (1996), *Coesão e Acção Social*, Lisboa: Instituto da Segurança Social - Direcção Geral da Acção Social
- MARTINHO, Edmundo, (2007), *Crianças e idosos*, Lisboa
- MEAD, Margaret, (1970), *O Conflito de gerações*, Lisboa: Dom Quixote
- MONTEIRO, Ana Isabel, (1996), *A família nas declarações internacionais dos direitos humanos*, Lisboa: Ministério da Solidariedade e Segurança Social - Direcção Geral da Família
- MOREIRA, Carlos Diogo, (1994), *Planeamento e estratégias da Investigação Social*, Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Universidade Técnica de Lisboa
- OMS (2001), *Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde*. OMS.
- PAÚL, Maria Costança, (1997), *Lá para o fim da vida – Idosos, família e meio ambiente*, Coimbra: Almedina
- PAPPÁMIKAIL, Lia (2004), *Relações intergeracionais, apoio familiar e transições juvenis para a vida adulta em Portugal*, Sociologia Problemas e Práticas
- PEREIRINHA, José António (2008), *Política Social: Fundamentos da actuação das Políticas Públicas*, Lisboa: Universidade Aberta

- PINTO, Maria Nogueira, (2005), *A Mais vida, mais dependência?*, in Cidade Solidária, Revista nº13 da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

- QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, Luc Van (1998), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 2ª Edição, Lisboa: Gradiva

- RAMOS, Natália *Relações e solidariedades intergeracionais na família: dos avós aos netos* , Revista portuguesa de pedagogia

- RELVAS, A.P. (2004), *O ciclo vital da família. Perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.

- SAMPAIO, Daniel, (2008), *A razão dos avós*, Lisboa: Editorial Caminho

- SILVA, Luísa Ferreira da, (2001), *Intervenção Psico-Social*, Lisboa: Universidade Aberta

- SOUSA, Liliana, e tal., (2004), *Envelhecer em família – os cuidados familiares na velhice*, Porto: Ambar

- UIVERSIDADE SÉNIOR CONTEMPORÃNEA, Regista Transdisciplinar de Gerontologia, Ano I, Vol. I, Maio 2006-2007

- VERSTRAETEN, Danny, (1997), *A nossa responsabilidade individual e colectiva*, Seminário Internacional do Envelhecimento Humano, Lisboa

Legislação Consultada:

- Lei de Bases do Sistema Educativo – Lei nº 46/86, de 14 Outubro, actualizada Lei nº49/2005, de 30 Agosto;
- Decreto Regulamentar nº 14/2007, de 20 de Março
- Portaria nº 77/2007, de 12 de Janeiro
- Decreto-Lei nº 236/2006, de 11 de Dezembro
- Decreto Regulamentar nº 3/2006, de 6 de Fevereiro
- Portaria nº 98-A/2006, de 1 de Fevereiro
- Decreto-lei nº 232/2005, de 29 de Dezembro
- Decreto-Lei n.º 187/2007, de 10 de Maio
- Constituição da República Portuguesa (Lei constitucional nº 1/2005, de 12/8)

Sites Consultados:

- <http://avosenetos.com/artigos/ensinar-criancas-boas-maneiras-mesa>, consultado em 8 de Novembro de 2009
- <http://dgidc.min-edu.pt>, consultado em 2 de Dezembro 2009
- <http://www.governo.gov.pt>, consultado a 13 de Janeiro de 2010
- www.manualmerck.net, consultado a 13 de Janeiro de 2010
- www.alert-online.com, consultado a 20 e Janeiro de 2010
- www.alzheimerportugal.org, consultado a 3 e Fevereiro de 2010
- www.parkinson.pt, consultado a 18 de Março de 2010
- www.apgerontopsiquiatria.com, consultado a 10 de Fevereiro de 2010
- www.saude-mental.net, Consultado a 26 de Junho de 2010
- <http://max.uma.pt/~EdSenior/>, consultado a 26 de Junho de 2010
- <http://www.provedor-jus.pt/idoso.htm>, consultado a 2 de Julho de 2010
- <http://www.portaldacrianca.com.pt/quemsomos.php>, consultado a 20 de Julho
- <http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI5327-15546,00.html>, consultado a 11 de Agosto de 2010
- <http://www.idosos.com.br/>, consultado a 12 de Agosto de 2010
- <http://www.idosos.com.br/faleconosco.htm>, consultado a 3 de Setembro de 2010
- <http://www.app.com.pt/>, consultado a 3 de Setembro de 2010
- <http://www.ipa-online.org/>, consultado a 16 de Setembro de 2010
- <http://www.apav.pt/portal/>, consultado a 8 de Outubro de 2010
- <http://www.age-platform.org/>, consultado a 8 de Outubro de 2010
- <http://www.dgs.pt/>, consultado a 10 de Novembro de 2010
- <http://www.ipa-online.org/>, consultado a 13 de Dezembro de 2010
- <http://www.dgs.pt/>, consultado a 4 de Dezembro de 2011

Anexo nº 1 – Inquérito Aplicado às Crianças	Pág. I
Anexo nº 2 - Inquérito Aplicado aos Idosos	Pág. IV
Anexo nº 3 – Desenho Infantil	Pág. VII
Anexo nº 4 – Desenho Infantil	Pág. IX
Anexo nº 5 – Entrevista à educadora (sala 1)	Pág. XI
Anexo nº 6 – Entrevista à educadora (sala 2)	Pág. XIII
Anexo nº 7 – Desenho infantil	Pág. XV
Anexo nº 8 – Desenho Infantil	Pág. XVII
Anexo nº 9 – Imagem de uma avó	Pág. XIX
Anexo nº10 – Imagem Avós	Pág. XX
Anexo nº11 – Desenho Infantil	Pág. XXI
Anexo nº12 – Desenho Infantil	Pág. XXIII
Anexo nº13 – Desenho Infantil	Pág. XXV
Anexo nº14- Imagem Avó	Pág. XXVII
Anexo nº15 – Entrevista à Responsável do Lar	Pág. XXVIII